

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO**

**A INFLUÊNCIA DO VÍDEO NO PROCESSO
DE APRENDIZAGEM**

NAIR PEREIRA FIGUEIREDO CINELLI

Programa de Pós-Graduação em

Dissertação apresentada ao

**Engenharia de Produção da
Universidade Federal de Santa Catarina
como requisito parcial para a obtenção do
grau de Mestre em Engenharia de Produção.
Orientadora: Profa. Dra. Édis Mafra Lapolli.**

FLORIANÓPOLIS

2003

C574i Cinelli, Nair Pereira Figueiredo
A influência do vídeo no processo de aprendizagem / Nair Pereira Figueiredo Cinelli; orientadora Édis Mafra Lapolli. – Florianópolis, 2003.
72 f. : graf. , tabs.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, 2003.

Inclui bibliografia.

1. Tecnologia educacional. 2. Video-teipes na educação. 3. Educação pré-escolar – Recursos audiovisuais. 4. Inovações educacionais. I. Lapolli, Édis Mafra. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. III. Título.

CDU: 371.68

Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

NAIR PEREIRA FIGUEIREDO CINELLI

A INFLUÊNCIA DO VÍDEO NO PROCESSO
DE APRENDIZAGEM

Esta dissertação foi julgada adequada e aprovada para a obtenção do **grau de Mestre em Engenharia de Produção** no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 16 de janeiro de 2003.

Prof. Edson Pacheco Paladini, Dr
Coordenador do Curso

Banca Examinadora

Prof^a Édis Mafra Lapolli, Dra.
Orientadora

Prof João Artur de Souza, Dr.

Prof^a Gertrudes A. Dandolini, Dra.

Prof. José Lucas P. Bueno, M. Eng.

À MINHA FAMÍLIA: MILTON (meu marido), PATRÍCIA E RODRIGO (meus filhos),
fonte de inspiração para a busca de novos conhecimentos.

AGRADECIMENTOS

A Construção do conhecimento e a reflexão sobre fatos e idéias só ocorrem verdadeiramente, quando são construídos coletivamente. Por isso, gostaríamos de lembrar de modo especial, algumas pessoas que foram significativas para a produção deste trabalho.

À minha orientadora profa. Dr^a. Édis Mafra Lapolli, com quem aprendi a lição de que as tensões geradas pelas responsabilidades do matrimônio podem ser conciliadas com a gentileza, clara e inteligente dos problemas e necessidades de uma orientanda (muitas vezes) confusa.

Ao prof. Dr. Milton José Cinelli, meu marido, graças a sua companhia, parceria, incentivo e presença constante consegui chegar ao final desta etapa.

A prof^a. Dr^a. Joselma que me acompanhou do início ao término deste trabalho, com quem aprendi que sem sonho, coragem e determinação jamais poderemos transpor desafios necessários na busca de um ideal.

A prof^a. Dr^a. Maria Inês Paulilo que colaborou para realização desse objetivo.

A minha família, em especial aos meus filhos: Patricia e Rodrigo, que souberam aceitar sem compreender muitas vezes as minhas longas jornadas de estudos que se davam frente aos livros e ao computador na sala de estudo.

Aos diretores, professores e alunos envolvidos neste estudo, pela disponibilidade e boa vontade em contribuir para compreensão de novas tecnologias na educação.

Quero agradecer a todas as pessoas que com muita disponibilidade e gentileza, forneceram-me informações preciosas, em entrevistas, ou em conversas, que se constituíram matéria para minhas reflexões, incentivando um percurso de leituras e de investigação.

SUMÁRIO

RESUMO	10
ABSTRACT	11
1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Contextualização	13
1.2 Objetivos do Trabalho.....	19
1.2.1 Objetivo geral	19
1.2.2 Objetivos específicos	19
1.3 Justificativa e Importância do Trabalho	20
1.4 Processos Metodológicos	23
1.4.1 Planejamento das Entrevistas nas Escolas.....	24
1.4.2 Planejamento das Entrevistas com os professores.....	24
1.4.3 Planejamento das Entrevistas com os alunos.....	25
1.5 Estrutura do Trabalho	26
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	28
2.1 Um mundo em transformações	28
2.2 Histórico do Cinema Educativo	31
2.3 Comunicação.....	33
2.4 O professor e a Comunicação de Conceito	36
2.5 Vídeos Educativos	38
2.5.1 Vantagens do Vídeo Educativo	39
3 METODOLOGIA.....	42
3.1 Considerações iniciais.....	42
3.2 Pesquisa de Campo nas Escolas.....	43
3.2.1 Escolha da Amostra:	43
3.3 Entrevistas com os Professores	44
3.3.1 Uso do Vídeo.....	44

3.3.2	Vídeo Aprendizagem.....	46
3.3.3	Avaliação do Aprendizado.....	48
3.3.4	Frequência do uso do Vídeo	49
3.3.5	Gênero de Vídeo Utilizado	50
3.4	Entrevistas com os Alunos	51
3.4.1	Desenvolvimento de uma das aulas utilizando vídeo ...	52
3.4.2	Análise das Respostas dos Alunos	52
3.5	Tecnologias nas escolas de 1a a 4a série	54
4.	DIRETRIZES PARA O PLANEJAMENTO DA VÍDEO-AULA	57
4.1	Como Planejar a vídeo-aula.....	57
4.2	Planejar o vídeo antes de apresentá-lo em sala de aula.....	58
4.3	Como Escolher o Vídeo	58
4.4	Preparar os alunos para assistirem o vídeo educativo	59
5.	CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES PARA FUTUROS	
	TRABALHOS	61
5.1	Conclusões.....	61
5.2	Recomendações para Futuros Trabalhos	64
	FONTES BIBLIOGRÁFICAS	66
	APENDICE A	72
	APENDICE B	73

Listas de Figuras

Figura 1: Análise das respostas referente ao questionário I – Pergunta 1 realizado com os professores	45
Figura 2: Análise das respostas referente ao questionário I – Pergunta 2 realizado com os professores	47
Figura 3: Análise das respostas referente ao questionário I – Pergunta 3 realizado com os professores	48
Figura 4: Análise das respostas referente ao questionário I – Pergunta 4 realizado com os professores	49
Figura 5: Análise das respostas referente ao questionário I – Pergunta 5 realizado com os professores	51

Listas de Tabelas

Tabela 1: Distribuição de Matrículas da Rede de Ensino no Brasil no ano de 2001. Fonte: MEC/INEP	42
Tabela 2: Formação dos professores do Ensino fundamental/ Fonte MEC/ INEP	42
Tabela 3: Total de professores consultados em cada Escola. Relação entre quantidade de Aparelhos de vídeo/Professores nas diversas Escolas pesquisadas.	43
Tabela 4: Total de professores que responderam o questionário I (conforme item 1: seção 1.4.2).....	44

RESUMO

CINELLI, Nair Pereira Figueiredo - **A INFLUÊNCIA DO VÍDEO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM**. Florianópolis, 2003, 70 f. Dissertação de Mestrado em Engenharia de Produção - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC 2003

Nesta dissertação analisa-se como as tecnologias da informação e comunicação, em especial o vídeo, significam novos modos de aprender e ensinar para alunos e professores seja quando são utilizadas como ferramentas de reflexão e/ou recurso didático-pedagógico. Este estudo investiga como as escolas apropriam-se dos recursos tecnológicos, discute as relações professor e aluno no processo ensino aprendizagem mediado pelo vídeo, as novas competências a que os educadores estão sendo desafiados a construir, em escolas públicas e particulares do município de Florianópolis. Busca-se nos referenciais teóricos de FERREIRO, PIAGET, VYGOTSKY, MORAN e outros a proposta e metodologia de utilização deste recurso em ambiente de aprendizagem com o vídeo, que apontam para novos paradigmas nos processos de ensino-aprendizagem, baseados na interação e colaboração. A pesquisa adotou como metodologia à pesquisa de campo mostrando como as escolas estão utilizando o vídeo. A análise dos dados indica a necessidade de investir na formação inicial e continuada dos professores, levando à necessidade do estabelecimento de uma política de capacitação que dê suporte para o professor trabalhar esta ferramenta que está sendo utilizada no seu espaço de trabalho.

Palavras-Chaves: Vídeo, Aprendizagem, Ensino fundamental.

ABSTRACT

CINELLI, Nair Pereira Figueiredo - **A INFLUÊNCIA DO VÍDEO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM**. Florianópolis, 2003, 70 f. Dissertação de Mestrado em Engenharia de Produção - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC 2003

This paper analyses how information and communication technologies, in particular the video, mean new ways of learning and teaching for students and teachers, whether they are used as tools of reflection or as didactical-pedagogical resources. This study investigates how schools take hold of technological resources and discusses the student-teacher relationship in video-based instruction as well as the new competences which educators are being challenged to develop. The proposal and methodology for the use of this resource in a video-based learning environment have been searched for in the theoretical references of FERREIRO, PIAGET, VYGOTSKY, MORAN and others, and point to new paradigms in the process of learning and teaching based on interaction and collaboration. Field work was the methodology employed in this research to determine how public and private schools in Florianópolis are using the video. The data analysis indicates the need to invest in initial and continuous teacher education, hence the need for a capacitation policy which supports teachers in managing this tool that is being used in their work place.

Key-words: Vídeo, Learning, fundamental teaching.

1 INTRODUÇÃO

Ouvir, ver, olhar e escutar são formas básicas da aprendizagem. O que se vê e ouve-se tem acentuada influência sobre o nosso comportamento. Como o ensino em sua expressão máxima consiste em estimular e dirigir a aprendizagem, aquilo que os educandos vêem e ouvem constitui o principal fator determinante da capacidade de ver e ouvir, influencia o quanto às pessoas aprendem. Embora isto seja verdadeiro para os educandos de todas as idades, parece que é particularmente imperativo com relação aos mais jovens.

Assim, observa-se que, para alcançar aprendizagem, é necessário considerar não apenas o material de ensino em si, mas também o seu arranjo e a forma pela qual é utilizado. É surpreendente notar que faz pouco tempo que surgiu os materiais de ensino concebidos e produzidos pelo homem. A imprensa apareceu apenas em meados do século XV. O rádio, para o uso público em geral, foi introduzido na década de 20. A televisão tomou corpo a partir de 1950.

Esses e numerosos outros meios de comunicação permitem ao professor estimular e dirigir a aprendizagem de forma até pouco tempo desconhecida. Torna-se evidente, portanto, que o professor de hoje, seja da escola fundamental ou média, ou de instituições de nível superior, deve familiarizar-se intimamente com os materiais de ensino a fim de conseguir eficiência completa, pois o homem vive num mundo onde diariamente quebram-se velhos paradigmas e criam-se novos. Junto com os novos paradigmas, surgem novas necessidades, especialmente na forma de aprender e ensinar. Novos conhecimentos e tecnologias surgem para entender às necessidades humanas, indiferentemente de qual seja a forma que o ensino assuma.

Nesse contexto, surge a necessidade de se fazer algumas reflexões sobre a influência da tecnologia no contexto educacional (ensino fundamental, ensino médio e superior).

Como ponto de partida, selecionou-se as séries iniciais (1^a a 4^a série) porque é a base fundamental para as séries seguintes.

Para fazer esta reflexão escolheu-se o vídeo educativo e sua influência na aprendizagem.

Esta pesquisa configura-se como pesquisa de campo, nas séries iniciais do ensino fundamental (1^a a 4^a série) nas escolas públicas e particulares de Florianópolis que utilizam o vídeo como ferramenta didática.

Discutir sobre o alcance do vídeo na sala de aulas supõe, a nosso ver, a tomada de consciência de uma problemática que envolve dois atores principais, professor e alunos, em interação numa relação de ensino-aprendizagem mediatizada, situada num contexto regido por seus próprios objetivos, leis, regras de funcionamento, que caracterizam a instituição escolar.

Tal perspectiva dinâmica parece fundamental, pois, o modo de utilização do suporte será resultante das interações específicas que ocorrerão no “triângulo” professor, aluno, vídeo na sala de aulas.

Acredita-se que as análises referentes às metodologias de utilização do vídeo não podem vir insentas de reflexões sobre várias dimensões dessa prática. Estas determinarão, e muito, a verdadeira amplitude e alcance que o vídeo poderá ter num processo educativo.

Os educadores têm um papel fundamental ao apropriar-se das tecnologias da informação e comunicação, cujo uso deverá ser como ferramenta e recurso pedagógico de uma forma crítica e responsável e não somente como meros consumidores (BELLONI, 1999, p.17).

Uma das motivações que levou a buscar, conhecer e descrever como as escolas estão utilizando o vídeo prende-se ao fato de que somente a sua presença na escola não assegura que este meio servirá para proporcionar situações inovadoras de aprendizagem. Para alcançar tais situações, ter-se-á que pensar no professor como agente ativo e fundamental desse processo. Uma formação permanente e atualizada poderá proporcionar ao professor oportunidade de incorporar, de forma criativa, o uso dessa ferramenta ao seu fazer pedagógico.

1.1 Contextualização

O universo e a própria vida do homem estão organizados em ecossistema, unidades constituídas para um espaço e uma comunidade de organismo que o habilitam e que estão mutuamente condicionados. Em um ecossistema simples, a alteração de um dos fatores constituintes supõe a modificação de todo o conjunto.

É neste contexto que se pode entender o que diz McLuhan (1969,p.114):

O meio é a mensagem. A autêntica mensagem de um meio é o próprio meio que provoca uma série de alterações no contexto sobre o qual atua. A mensagem principal da televisão é a transformação que tem provocado na vida individual, familiar e social do homem de nosso século, além do conteúdo de cada um dos programas. Qualquer invenção técnica assumida como tal provoca uma modificação mais ou menos profunda no ecossistema que a acolhe. O surgimento do automóvel tem provocado em nosso século profundas transformações de todo o tipo: os caminhos dos carros foram transformados em auto-estradas, as quais, por sua vez, têm transformado a fisionomia dos povoados e cidades, foi alterada a vida familiar nos fins de semana e nas férias, tem estourado a guerra do petróleo, foram gerados problemas de contaminação; assumir o automóvel como tecnologia inovadora supõe assumir a transformação de todo o ecossistema. Se houvesse a pretensão de manter inalterável o ecossistema, não teria outra solução que renunciar ao uso da nova tecnologia ou, pelo menos, dominá-la, tirar dela sua capacidade inovadora: reduzir o carro às funções que vinham sendo desempenhadas pela carruagem .

A integração do vídeo no ensino gera um dilema semelhante. Ou é aceita a nova tecnologia com toda a sua capacidade inovadora, assumindo então a transformação de todo o sistema educativo, ou se subjugam a nova tecnologia, tirando dela suas vantagens inovadoras e a colocando a serviço da velha pedagogia.

A tecnologia do vídeo é multifuncional: pode-se utilizá-la para reforçar a pedagogia tradicional, mantendo uma escola centrada exclusivamente na transmissão de conhecimento; entretanto, também pode-se utilizá-la para transformar a comunicação pedagógica. Assumir toda a sua potencialidade expressiva significa assumir este desafio de transformação da infra-estrutura escolar.

São cada vez mais numerosos os profissionais do ensino que assumiram este caminho.

A época do audiovisual como auxiliar está acabando. Começa a era da comunicação audiovisual e eletrônica, e se trata de um processo complexo que abrange a pedagogia, a psicologia e a sociologia, que, por sua vez, engloba o racional e o imaginário e formula problemas teóricos, abstratos, como também problemas de material, técnica e de infra-estrutura.

Tendo em vista os meios de comunicação aliados à prática educativa, pretende-se realizar uma pesquisa de campo, com o objetivo de compreender como o vídeo está sendo utilizado, nas áreas do conhecimento (português, matemática, ciências e outras) de 1ª a 4ª série, pois muitos anos já se passaram

desde que a tecnologia do vídeo foi introduzida no âmbito doméstico. Embora a instituição escolar não tenha levado muito tempo para incorporar a nova tecnologia, não se pode dizer que esta incorporação tenha contribuído de maneira substancial a otimização de ensino-aprendizagem. Em algumas escolas a integração ainda não teve início. Em outras, ocorreu uma relativa integração, embora deficiente ou, quando muito, parcial.

A expressão é de McLuhan (1969,p.120): a criança de hoje cresce sem parâmetros convencionais, porque vive em dois mundos, e nenhum dos dois a ajuda a crescer. Freinert (1974,p.77) esclarece a respeito deste aspecto, conseqüência de uma contradição cultural:

Esta desordem cultural persistirá enquanto a escola pretender educar as crianças com instrumentos e sistemas que tiveram validade há 50 anos, porém suplantados pela técnica contemporânea. Subsistirão na escola as lições, os braços cruzados, as memorizações, os exercícios mortos, enquanto fora da escola haverá uma avalanche de imagens, ilustrações e de cinema. Se nossa era é conflitiva e inclusive dramática, é devido a seu caráter de cruzamento histórico, de choque cultural. A interação de culturas em conflito provoca indecisão e angústia.

Nossa era da angústia é em grande parte resultado do esforço em resolver os problemas de hoje com os meios e conceitos do passado.

A escola tem sido vítima, e, ao mesmo tempo, causa direta dessa situação de conflito, porém, pode-se converter em uma ponte entre duas culturas, facilitando uma aproximação dialética e crítica entre elas. A tarefa unificadora da escola exige que sua própria estrutura se baseie na coerência entre a sensibilidade de nosso tempo, os meios de que dispõe e o próprio sistema cultural. Como diz Piaget (1976,p.29):

todos os homens são inteligentes e que esta inteligência serve para buscar e encontrar respostas para seguir vivendo. A inteligência apresenta duas condições essenciais ao ser vivo: a organização e a adaptação em um mundo em constante transformação.

Para entender essa realidade, escolheu-se 14 instituições de ensino em Florianópolis. Essas instituições foram escolhidas com base em levantamento prévio que as indicaram como utilizadoras dos meios de comunicação (vídeo, computador, etc) aliados a prática educativa de alunos de 1ª a 4ª série. Para proceder a coleta de dados elaborou-se dois questionários onde participaram professores e alunos.

O ciclo acadêmico de escolarização é composto por diferentes anos de escolaridade, aos quais são pareados quantidade e qualidade do saber. Tais conhecimentos serão gradualmente passados as crianças, adolescentes e adultos. Adquire-se o saber conforme percorre o já traçado percurso acadêmico, batizado por notas, aprovações e reprovações, ciclos, diplomas etc.

Nessa organização, são estabelecidos papéis aos diferentes atores sociais, papéis esses reconhecidos e legitimados socialmente: professor e aluno. Existem expectativas de interação, que acontecem dentro de situações claramente definidas, e que só tem razão de ser dentro dos muros da escola. Na interação prevista entre os atores, o saber é veiculado através de um tipo específico de linguagem principalmente a verbal, que os diferentes atores desse contexto acabam por reconhecer e aceitar como sendo a adequada.

Aprender, tanto para o professor como para o aluno, significa um tipo específico de processo de interação do indivíduo com o saber. Em nossa sociedade ocidental, a atividade de aprender é freqüentemente associada ao esforço, seriedade, atenção concentrada, e certos correlatos pouco evidenciados mas sempre presentes como obrigação, razão, ausência de prazer.

O vídeo, num primeiro momento, é um aparelho de veículo que traz à sala de aula um tipo específico de mensagem, ou, de linguagem: a linguagem audiovisual. A imagem fixa, e mais recentemente a linguagem audiovisual que associa a imagem animada e os sons sincronizados têm encontrado há décadas, constantes obstáculos para conquistar um espaço efetivo enquanto suportes para aquisição de conhecimentos no mundo da escola. Vários elementos contribuem para essa difícil conquista. Uma das dimensões que podem ser apontadas como tributárias dessa dificuldade pode ser identificada dentro do quadro teórico que a psicologia social dispõe.

Na busca da melhoria da qualidade de ensino, objetivo mais facilmente aceito do que seu subjacente, a busca de soluções frente ao fracasso do sistema educacional anunciado em diferentes sociedades de nosso século, educadores e pesquisadores elaboram, implementam diferentes ações. Apesar dos muitos movimentos que a educação conheceu e que tiveram também por meta trazer para dentro de seu universo a dimensão lúdica, a curiosidade, o prazer de descobrir o novo, as barreiras mais fortes contra a implantação efetiva de tais movimentos parece estar, em parte, nos próprios indivíduos que animam e dão

vida à instituição escolar: professores e alunos. Além de outros aspectos relevantes, é importante salientar que o modelo de aquisição de conhecimentos introjetado, que orienta suas ações, atitudes e condutas no ambiente escolar, tal modelo funciona como ponto de referência para a identificação do que é aprender.

Os recursos audiovisuais podem promover uma aprendizagem eficiente como escreve Moran (1991,p.11): “Utilização do audiovisual para introdução de novos assuntos, despertar a curiosidade e a motivação para novos temas”. Considera-se, portanto, alguma coisa além da pessoa que aprende.

O ambiente que cerca o aluno cria aspectos de grande importância para a aprendizagem. Se pensar nesse conjunto de “contingências” que influem no processo da aprendizagem poderá apresentar os diferentes componentes da situação de ensino de acordo com Gagné (1971,p.270):

- apresentar o estímulo;
- dirigir a atividade e a atenção do aluno;
- fornecer um modelo para o comportamento final desejado;
- fornecer elementos insinuadores externos;
- orientar a direção do pensamento;
- induzir a transferência do conhecimento;
- avaliar o rendimento da aprendizagem;
- proporcionar “retro-alimentação.

Utilizando os componentes de ensino, o professor orienta os alunos para a busca própria, agindo como animador do coletivo inteligente e incentivando a autonomia dos alunos e as pontes entre as diversas informações para transformá-la em conhecimento, isso vem ao encontro de Moraes (1997,p.18) quando diz que “que só o homem é capaz de transcender e criar.”

A linguagem oral, recurso de ensino mais utilizado pelo professor, pode ser auxiliada por outros recursos que estimulem outros sentidos. Os sentidos são a ligação entre o homem e o mundo exterior, deve-se criar um ambiente que permita estimular o maior número de sentidos possíveis.

Como afirmam os autores, Dale (1775,p.4); Belloni (1999,p.4) e Masetto (2000,p.139):

Os recursos audiovisuais formam, portanto, a combinação simples que oferece as melhores contingências para a aprendizagem, deve-se determinar de

que forma cada meio pode ser utilizado para contribuir para um sistema criativo. Eles transformam a escola não em um centro de ensino, mas de aprendizagem. Um centro preocupado não pela simples transmissão de conhecimento, mas pelo enriquecimento em experiências de todo tipo: conhecimento, sensações, emoções, atitudes, intuições... por isto é importante levar em conta a participação da pessoa que aprende. Ela não deve ter uma atitude passiva, mas sim ativa fazendo com que os sentidos estejam “alerta”, absorvendo as informações. A classificação dos recursos da aprendizagem deixa bem clara essa colocação. A aprendizagem é mais eficiente quando os recursos são mais concretos.

A criatividade do professor aliada à consciência das funções dos componentes da aprendizagem e das características particulares dos diferentes recursos é o elemento fundamental para que cada vez mais se torne eficaz a atuação do professor no processo da aprendizagem.

A relação do indivíduo com a linguagem audiovisual será, com freqüência, regida por um diferente conjunto de variáveis. A entrada do vídeo na sala de aulas, veiculando a linguagem audiovisual, vai obrigatoriamente colocar em articulação dois universos regidos por estruturas diversas, por vezes mesmo opostas: o do lazer, do prazer e o da aprendizagem, da razão. Nessa medida, parece-nos autorizado fazer-se as seguintes indagações: qual o status que professor e aluno atribuem à utilização da imagem, e particularmente à linguagem audiovisual, no processo de aquisição de conhecimento.

Se partir do pressuposto que as representações sociais que aluno e professor possuem desse objeto em sala de aula determinarão, de antemão, uma certa postura, uma certa expectativa do papel que tal objeto deve cumprir na relação ensino-aprendizagem, ver-se-á quão rico pode ser esse conceito dentro do estudo da problemática que relaciona aprendizagem e meditação.

Eis porque se propõe tratar a problemática que focaliza a atividade de recepção do vídeo como instrumento de trabalho, as formas de avaliação serão por meios de visitas, entrevistas e análise de documentação oficial.

O professor encontra-se no vértice das grandes mudanças que caracterizam os nossos tempos. Nunca as transformações no decorrer do processo histórico exigiram tantos esforços do professor para se manter atualizado na sua matéria e nos métodos de comunicar conceitos. Em apenas poucas décadas, o ensino libertou-se de sua quase completa dependência da expressão verbal; requer hoje a

capacidade de seleção e utilização de novos meios que permitam esclarecer melhor os contextos das matérias desta nossa “era do espaço”, bem como as transformações que ocorrem rapidamente em todo o mundo, com lugares e situações, seriam como diz Moraes (1997,p.27): “buscar compreender o mundo com uma teia de eventos e processos em um fluxo dinâmico, em contínua mudança. Seria reconhecer as interconexões entre o sujeito e o objeto, entre o homem e o ambiente”. Seria o que Piaget (1976,p.27) “identifica como a busca constante do equilíbrio, através de trocas entre sujeito e meio”.

Além do papel tradicional do professor, como profissional competente em sua especialidade e em psicologia da aprendizagem, novo aspecto deve ser considerado: sua responsabilidade no eficiente planejamento das aulas e na criação de condições de comunicação favoráveis ao ensino. Como diz Moran, (2000,p.17) “essas mudanças dependem de educadores abertos ao diálogo capazes de estabelecer formas democráticas de pesquisa e comunicação”.

Em resumo o setor educacional enfrenta hoje um sério desafio de acompanhar as rápidas mudanças tecnológicas no país.

1.2 Objetivos do Trabalho

Os objetivos deste trabalho estão delimitados da seguinte forma:

1.2.1 Objetivo geral

Analisar a influência do vídeo no processo de aprendizagem.

1.2.1 Objetivos específicos

- Conhecer possibilidades para utilização do vídeo na educação;
- Analisar como o vídeo está sendo utilizado nas áreas do conhecimento como: português, matemática, ciências e outras;
- Caracterizar o perfil dos professores que utilizam o vídeo como recurso didático com seus alunos;

- Verificar qual o aproveitamento dos alunos nestas aulas audiovisuais;
- Propor diretrizes para o planejamento de uma vídeo-aula.

1.3 Justificativa e Importância do Trabalho

O mundo se encontra em contínua mudança, isto tem provocado expressivas alterações no modo de vida da sociedade. Novas tecnologias surgem a cada dia, antes mesmo que a anterior seja completamente compreendida e dominada.

É importante que a educação sem desprezar suas raízes, atue sobre o presente com os olhos voltados para futuro; que sem desprezar as ferramentas tradicionais, adote também as mais modernas; que sem abandonar fórmulas aprovadas, tenha a coragem de poder ultrapassar essa barreira levando-nos a aproveitar e a dar sua participação a essa revolução tecnológica. Mas, para isso, é necessário duvidar e criar. Segundo McLuhan (1995,p.70) e Masetto (2000,p.114) pode-se avançar no processo de aprendizagem, fazendo reflexões sobre o uso das tecnologias, que possam desenvolver uma mediação pedagógica, possibilitando a interatividade entre o sujeito do processo e despertando o gosto pelo saber. O professor passa a ser mediador, motivador um parceiro na construção da aprendizagem, juntamente com os materiais, com as tecnologias, as técnicas, os colegas, a sociedade em geral, deste modo é que se poderá migrar do pólo centrado no conceito de ensinar para o conceito de aprender.

Os recursos didáticos são um dos meios mais fáceis para se aprender, mas para isso é necessário que a escola, longe de ser apenas uma fonte de informes verbais, assegure aos alunos, tanto quanto possível, oportunidades e facilidades de viver em contato direto com a vida, proporcionando-lhes os meios e a forma de se aproximarem, o mais que possível, da experiência real, quando esta for totalmente impossível, para isto Belloni (1999,p.39) “alerta que há a necessidade de atualização constata da escola e dos docentes”. Moraes (1996,p.67) fala “em uma profunda mudança de mentalidade”.

É para fazer essas aproximações que servem os recursos audiovisuais. Há muitos aspectos básicos e importantes da vida que não se podem trazer ao vivo para dentro da escola. Para Piaget (1976,p.26) “conhecer é atuar sobre a

realidade, modificando-a mediante esquemas de ação e esquemas representativos que lhe dão sentido”. Nesse caso, a escola, se possível, procurará ir até à presença real daqueles aspectos. Se isso também não for realizável, a escola através do seu professor, não deverá saltar da experiência direta para o extremo oposto, que é o simbolismo puro, isto é, a linguagem falada e escrita, como descreve Dale (1954) “precisamos ir e vir do concreto ao abstrato, mas é através do concreto que nos movemos ao abstrato” pois há uma distância imensa entre esses dois pólos: Educação através de vivência e verbalismo total. Esse imenso espaço vazio pode e deve ser preenchido por uma série enorme, gradativa e diferenciada, de recursos audiovisuais que, em poucos segundos, comunicam e esclarecem muito mais do que consegue uma preleção de duas horas sem apoio dos recursos audiovisuais. Como descreveu-se anteriormente, muitos anos se passaram desde que a tecnologia do vídeo foi introduzida no âmbito doméstico, Rosa (1998,p.9) destaca que:

através da televisão, diariamente milhões de brasileiros recebem uma grande quantidade de informação audiovisual. Notadamente, o Brasil é um dos países que mais consomem mídia tais como televisão, jornais, revistas e outros. Esta característica tem influenciado significativamente no desenvolvimento da sociedade e da população brasileira.

Ainda que considera em sua globalidade, embora a instituição escolar não tenha levado muito tempo para incorporar a nova tecnologia, não se pode dizer que esta incorporação tenha contribuído de maneira substancial à otimização do ensino-aprendizagem.

Em qualquer dos casos, não ocorreu, na escola, numa reflexão com um mínimo de profundidade sobre os motivos geradores, sobre as implicações, os critérios, as formas e o alcance dessa integração.

Com este trabalho sobre o vídeo no processo educacional pretende-se contribuir para essa reflexão, fundamental à comunidade de ensino. Essa reflexão pretende responder a várias perguntas fundamentais em relação a problemática da integração do vídeo na escola.

O porquê do vídeo na educação, antes de tudo deve haver uma tomada de consciência de quais são as causas determinantes de uma urgente integração do vídeo nos processos educativos. Segundo Moran (1991,p.10):

os meios de comunicação exercem poderosa influência em nossa cultura, desempenhando um importante papel educativo, transformando-se, na prática, numa segunda escola, paralela à convencional. Os meios de

comunicação são processos eficientes de educação informal, porque ensinam de forma atraente.

Não por vaidade, tampouco por um desejo de entreter. Existe um só motivo de fundo para se adequar às radicais mudanças sociais que geram um novo tipo de pessoa. Para entrar em sintonia com ela, é necessário incorporar novas tecnologias e novas formas de expressão.

A ênfase não deve ser colocada na tecnologia, mas na forma de expressão. O audiovisual deve ser compreendido como um diferencial no processamento de informações. Somente com uma adequada concepção do vídeo, pela adoção de critérios de uso coerentes, poder-se-á aproveitar todo o seu potencial educativo.

Em geral, os materiais de empeno apresentam vantagens para certos trabalhos educativos, e limitações e desvantagens em relação a outros. Da mesma forma que um professor adquire prática na seleção de materiais de leitura adequados, deve também saber escolher os materiais audiovisuais mais indicados para cada aula, Gómez (1998,p.373) afirma que: “o professor deverá ser considerado como sendo um profissional autônomo que reflete criticamente sobre a prática cotidiana para compreender as características do processo de ensino-aprendizagem e do contexto, de modo que sua atuação reflexiva deverá facilitar o desenvolvimento autônomo e emancipador dos que participam no processo educativo”. Em parte esta escolha depende das qualidades e limitações inerentes aos vários materiais disponíveis; em parte, dos objetivos do ensino e, finalmente, em parte dos métodos que o professor emprega.

Os meios para atingir os objetivos do ensino são múltiplos e complexos. Podem concluir leituras ou convivência direta com o grupo cultural que está sendo estudado. Entre esses dois extremos estão os recursos audiovisuais, que, devido às suas formas flexíveis e interessantes, podem trazer para a sala de aula informações tangíveis e vívidas sobre culturas remotas, povos, lugares e coisas. Por exemplo: Se a classe estiver estudando a Índia, é possível que os alunos já tenham assistido a um ou mais filmes mostrando como as pessoas vivem e trabalham nas fazendas e cidades daquele país. Assim, a classe já tem algumas idéias concretas sobre o vaivém da vida na Índia, o ritmo do movimento, a agitação

das populações urbanas e a vida em família numa pequena vila. Nesta altura, o vídeo servirá muito bem para enriquecer os conhecimentos dos alunos.

Educar é ajudar a desenvolver todas as formas de comunicação, todas as linguagens: aprender a dizermos, a expressarmos claramente, a captar a comunicação do outro a interagir com ele. É aprender a comunicarmos verdadeiramente: a ir tornando-nos mais transparentes, expressando-nos com todo corpo, com a mente, com todas as linguagens, verbais e não verbais, com todas as tecnologias disponíveis (MORAN, 1997,p.17).

A experiência de aprendizado com este trabalho é uma oportunidade para se tornar consciente da utilização do vídeo como ferramenta didática na educação, e uma oportunidade de trabalhar no sentido de se aperfeiçoar mais, abrindo assim espaço para novas formas de interação. O acesso a este recurso didático auxilia a participação em projetos individuais e de grupos, facilita a colaboração e a troca de idéias.

1.4 Processos Metodológicos

Neste trabalho de pesquisa busca-se conhecer como algumas escolas do município de Florianópolis estão utilizando o vídeo e, em que medida isto tem influenciado ou representado inovação no processo de aprendizagem. Para isto surgiu a necessidade de se fazer algumas reflexões sobre o vídeo como ferramenta didática. Procurou-se subsídio em vários autores que desempenham um papel importante na educação.

Optou-se pela pesquisa de campo onde descrever-se-á a partir dos relatos das supervisoras escolares, orientadoras pedagógicas, entrevistas com os professores e alunos como o vídeo está sendo utilizado nas escolas de 1^a a 4^a série do ensino fundamental. Observações realizadas em 14 (catorze) escolas, públicas e particulares do Município de Florianópolis / SC, permitirão conhecer através dessa amostra aspectos qualitativos e quantitativos, identificando nas escolas selecionadas, as modalidades de uso do vídeo no processo ensino-aprendizagem, como ele está inserido na proposta pedagógica da escola e quais os professores ou disciplinas que mais o utilizam.

Observa-se que os professores têm olhado apreensivos as novas técnicas aplicadas à comunicação. Os professores se mostram reticentes à integração na

escola daquelas novidades técnicas que lhes podem exigir mudanças pedagógicas.

Utilizar o vídeo como recurso didático pode ajudar o professor nos conteúdos ministrados em sala de aula, permitindo-lhe ser, antes de tudo, pedagogo e educador. As tarefas mecânicas, como difusor de conhecimentos ou mero transmissor de informações, foram confiadas às novas tecnologias sobretudo ao vídeo e ao computador, reservando-se ao professor tarefas mais especificamente humanas: motivar condutas, orientar os trabalhos dos alunos, resolver suas dúvidas, atendê-las segundo o nível individual de aprendizagem.

1.4.1 Planejamento das Entrevistas nas Escolas

Como foi descrita na justificativa, a amostra foi composta por 14 escolas (públicas e particulares), as quais são identificadas, pelas letras maiúsculas de **A até N**.

Os questionários I e II foram formulados de acordo com as entrevistas feitas nos contatos iniciais com as escolas e baseado nas referências dos autores como: Ferreira (1975); Ferrés (1996) e Parra (1970). Nos meses de março, abril e maio de 2002 entrevistaram-se as supervisoras escolares e as orientadoras pedagógicas onde elas relataram como os professores utilizam o vídeo.

1.4.2 Planejamento das Entrevistas com os Professores

Nestas escolas responderam o questionário I os professores que utilizam o vídeo em sala de aula e o questionário II seus respectivos alunos. O questionário I e o questionário II (Apêndice1), foram entregues para orientadoras pedagógica de acordo com os números de professores e alunos de 1^a a 4^a série de cada instituição.

1.4.3 Planejamento das Entrevistas com os Alunos

Das 14 escolas pesquisadas de A até N, em 8 escolas (Escolas: A – 1ª série; B – 4ª série; C – 3ª série; G – 2ª série; I – 3ª série; K – 1ª série; M – 4ª série e N – 1ª série), de séries diferentes assistiu-se como os professores inserem determinados conteúdos utilizando o vídeo, oportunidade na qual fêz-se as entrevistas individuais com os alunos. Nas demais escolas os questionários foram respondidos em grupo de 4 a 5 alunos em função dos conteúdos que estavam atrasados em relação aos calendários escolares. Dessas 8 escolas, 3 (A – 1ª série; B – 4ª série e C – 2ª série) participou-se do planejamento com o vídeo. O questionário II foi respondido pelos alunos individualmente e / ou em grupo como descreveu-se anteriormente.

Para o desenvolvimento da pesquisa de campo, utilizou-se especialmente, o livro: Vídeo e Educação, Ferrés (1996, 2ª ed), no sentido de embasar para a coleta de dados. Isto deu à percepção de que muitas questões contidas neste livro eram similares às intenções iniciais, haja vista, estarem ligadas ao desempenho do professor em relação ao vídeo educativo em sala de aula.

Para obter-se compreensão da problemática, colheu-se depoimentos das supervisoras escolares e das orientadoras pedagógica, que fazem parte da “pesquisa técnica”, com sua atuação no espaço escolar fora da sala de aula, a fim de incluir dados complementares sobre o uso do vídeo como material pedagógico nas escolas estudadas.

Para subsidiar, teoricamente, as distintas tarefas envolvidas no trabalho de investigação buscou-se fundamento, principalmente nos autores: Moraes (1997), Moran (2000); McLuhan (1995); Belloni (1999); Ferreiro (1995); Dale (1966) e Vygotsky (1997) que discutem os desafios que a educação enfrenta diante dos processos tecnológicos acelerados. Trata também da natureza do trabalho docente discutindo sua formação atual e continuada em função dos desafios tecnológicos.

A presente pesquisa ocorreu em dois momentos, considerando-se a coleta de dados especificamente o primeiro ocorrido entre os meses de março, abril e maio de 2002, oportunidade que se realizou os contatos iniciais com as escolas a fim de explicitar os motivos da investigação, constatou-se que elas utilizavam o vídeo como ferramenta didática. Nestas visitas observou-se como funcionava este

material pedagógico na unidade escolar, quando se fez também uma análise deste material com finalidade de colher informações sobre o seu uso pedagógico em sala de aula de 1^a a 4^a série. Nesta mesma oportunidade, foram entrevistadas as supervisoras escolares e as orientadoras pedagógicas. Num segundo momento, retornou-se as escolas em junho, julho e agosto para então, aplicar os questionários individualmente com os professores e individual e em grupo com os alunos.

Após realizar a coleta de dados, iniciou-se a transcrição das entrevistas, assim como, o agrupamento dos dados colhidos pelos questionários; posteriormente, teceu-se a análise, organizando-a por meio de temas significativos e gráficos perante as problemáticas da pesquisa.

O trabalho da investigação partiu e foi se desenvolvendo firmando certos pressupostos, os quais estão amparados em referências teórico-críticas sobre a prática docente em relação ao vídeo. Nele, professor pode assumir um papel ativo no seu próprio processo de formação, os conhecimentos são construídos por meio de ação e da interação e, portanto, através da formação continuada, ele pode desenvolver e transformar sua prática pedagógica.

1.5 Estrutura do Trabalho

A pesquisa de campo que realizou-se foi proposta tendo como objeto central analisar a influência do vídeo no processo de aprendizagem. Também dirigiu-se atenção aos aspectos de como o vídeo está sendo utilizado nas áreas do conhecimento como: português, matemática, ciências, geografia, história e outras bem como verificar qual o aproveitamento dos alunos nestas aulas audiovisuais.

Para concretizar este trabalho, realizou-se a pesquisa de campo tendo como sujeitos, os professores e alunos de séries iniciais do ensino fundamental. Das 14 escolas pesquisadas contendo um total de 173 professores, 43 participaram da entrevista, ou seja, 25%. Esta porcentagem é considerada uma amostragem estatisticamente representativa da população dos professores.

Para proceder à coleta de dados, foram elaborados dois questionários estruturados (Questionário I e Questionário II), como foi descrito na Metodologia: (item 1.4). Participaram das entrevistas individuais professores e alunos. Sendo

que em seis escolas os questionários dos alunos a pedido dos professores foram respondidos em grupos.

Este trabalho, resultante da investigação, procurará expor elementos essenciais do ensino com o vídeo e, para isto, está organizado em 5 partes, com o primeiro focalizando as reflexões sobre o vídeo e como ele está inserido no contexto escolar. Na segunda parte apresentou-se uma reflexão teórica que permite analisar o contexto tecnológico em que nos encontramos e as implicações deste para educação. A parte três enfoca: a apresentação e discussão dos dados da pesquisa e na parte quatro a concepção do vídeo na educação e a adoção de critérios para o seu uso na educação como recurso didático pedagógico. Por fim, na parte cinco, buscou-se compreender os dilemas da prática pedagógica em relação ao vídeo, destaca-se a formação dos docentes para trabalhar com esta tecnologia.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Um mundo em transformações

O homem primitivo, movido por instintos de sobrevivência, para vencer as adversidades do meio construiu os primeiros instrumentos de lascas de pedra, há cerca de 2,6 milhões de anos atrás, o que lhe permitiu desvincular-se da natureza e dominá-la” Burke & Ornstein (1998). Esse foi um longo processo que culminou com transformações biológicas e a humanização da espécie.

A busca incessante para controlar o meio em função das suas necessidades de sobrevivência cada vez maiores, exigiu da humanidade a capacidade de reinventar e criar novos artefatos. Esse fenômeno embora tenha ocorrido de forma progressiva, não aconteceu com a mesma velocidade ao longo da História.

Os mesmos autores Burke e Ornstein “relatam que os primeiros registros pré-históricos para representar quantidades e depois palavras apareceram há cerca de 12 mil anos no Oriente Próximo, representados por pequenos símbolos feitos de argila. Esses objetos foram a gênese da linguagem escrita. Entretanto, somente no século XV (1439) com a criação da imprensa por Johannes Gutenberg, a disseminação da informação escrita, num processo lento de popularização deixou de ser privilégio de alguns grupos para abranger um maior número de cidadãos”.

Atualmente, a humanidade vive um processo de transformações sociais e culturais acentuadas, proporcionadas pelo avanço do desenvolvimento tecnológico, como nunca se observou em outro período histórico.

Para entender-se as transformações no conhecimento humano que estão acontecendo na sociedade atual, resgatam-se o conceito de modernidade segundo Pourtois e Desmet (1999), como período histórico, que teve as características principais:

- a racionalidade: que proporcionou a separação entre o mundo objetivo e subjetivo dos indivíduos e passou a nortear-se pela lógica e a ciência, na busca de valores universais com promessas de progresso ilimitado para toda a humanidade;

- a grande produção de conhecimentos: concretizada pelo desenvolvimento das grandes descobertas científicas que provocaram transformações profundas nas relações sociais e culturais, com repercussões na educação, economia, comunicação, entre outras. Essas repercussões estão inspiradas nos ideais do Iluminismo, cujas maiores conquistas foram o direito à educação (livre, igualitária e democrática) e a comunicação (livre e múltipla) que permitiram o desenvolvimento do indivíduo livre e autônomo para conquistar direitos à cidadania.

Entretanto, foi no final do século XX que se experimentou um ritmo acelerado de mudanças, como nunca visto desde a Revolução Industrial, desestabilizando os modos de vida e modificando nossa maneira de compreender a realidade, exigindo flexibilidade para adaptar-se a elas, como explica Hall (1999,p.75):

quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas, desalojadas de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem flutuar livremente.

As visibilidades dessas mudanças encontram-se na presença cada vez mais intensa de novas tecnologias, especialmente, as relacionada com a área da informação e comunicação cujo impacto maior está na transformação da noção de espaço e tempo.

Hernández (2000, p.34) destaca algumas considerações que deve-se levar em conta quando analisa-se inovações tecnológicas na educação:

- É difícil para os que estão fora da escola melhorar a qualidade dos recursos dentro dela... O desenvolvimento dos professores é uma pré-condição para o desenvolvimento do currículo, eles devem desempenhar um papel ativo no desenvolvimento e melhoria deste. Sua compreensão, seu senso de responsabilidade e seu compromisso com a melhoria da experiência educativa dos alunos produz-se quando possuem idéias e o autor de uma proposta curricular é capaz de facilitar a conceitualização das idéias dos professores para transferi-las para a prática da sala de aula;
- Os docentes, individualmente, não podem ir muito longe na adoção de inovações por causa das limitações que impõem a prática, as relações das escolas e os hábitos das instituições;

- Os níveis de decisão, outro tema importante ao se conceitualizar e executar uma inovação. A relação entre os participantes é mais efetiva se parte da noção do docente como profissional, que atua em uma comunidade responsável, mais do que se procede de uma direção linear e hierárquica.

É difícil, através dos meios convencionais, preparar professores para usar adequadamente as novas tecnologias. É preciso formá-los do mesmo modo que se espera que eles atuem no local de trabalho, no entanto, as novas tecnologias e seu impacto na sociedade são aspectos pouco trabalhados nos cursos de formação de professores, e as oportunidades de se utilizarem nem sempre são as mais adequadas à sua realidade e as suas necessidades.

Vygotsky (1956,p.278) diz que: “as escolas devem construir cenários de atividades que dêem assistência aos professores para que possam ensinar verdadeiramente...” Tharp e Gallimore (1988,p.195) conclui:

o propósito da escolarização é ensinar aos estudantes a serem competentes no sentido mais geral do termo; serem capazes de ler, escrever, usar computadores, raciocinar, manipular símbolos e conceitos visuais e verbais. O conhecimento é obtido por meio de oportunidades para que os estudantes tenham assistência no uso do significado das palavras, das estruturas conceituais e do próprio discurso.

Para isto é necessário investir na formação e preparação do professor para assumir novas competências em uma sociedade cada vez mais impregnada de tecnologias. O primeiro passo é a utilização coerente de novos recursos tecnológicos na direção do que se acredita fundamental na educação, a construção do conhecimento.

Para enfrentar estes desafios o professor terá que aprender a trabalhar em equipe e a transitar com facilidade em muitas áreas disciplinares. Será imprescindível quebrar o isolamento da sala de aula convencional e assumir funções novas e diferenciadas. A figura do professor individual tende a ser substituída pelo professor coletivo. O professor terá que aprender a ensinar a aprender (BELLONI, 1999,p.17).

Essa construção pressupõe aprendizagens significativas, onde o educando possa construir sua identidade, seu projeto de vida, desenvolvendo habilidades de compreensão do seu mundo imediato e também do futuro para tornar-se cidadãos realizados e produtivos Moran (2000,p.14).

Isto exige tanto de educando quanto de educadores uma postura criadora, instigadora, curiosa e persistente, como nos fala Freire (1997,p.201):

... nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinando, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente em saber ensinado, em que o objeto ensinado é aprendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos.

Mesmo com as modificações que aconteceram na escola por conta das transformações da sociedade inclusive pela concepção de novas metodologias fundamentadas em teóricos construtivistas e sócio-construtivistas, os avanços alcançados pela educação escolar são pouco significativos, limitando-se a experiências bem sucedidas em alguns locais. De modo geral não se conseguiu avançar, dar o salto qualitativo, quebrando a relação hierárquica – o professor repassa informações, o aluno as recebe e as reproduz.

Os professores, sobretudo das escolas públicas, que diariamente confrontam-se com as mais diversas exigências para cumprimento dos seus programas, conteúdos, avaliações, entre outras, têm dificuldades para modificar suas concepções já cristalizadas sobre educação e ensino, sobretudo porque muitos não foram preparados na sua formação inicial.

Tem-se clareza de que não pode-se atribuir de uma maneira simplista à educação escolar a missão de ser a mola propulsora das mudanças sociais, entretanto a busca de uma educação de qualidade é um dos requisitos para a busca de uma sociedade mais justa e fraterna.

Moraes (1997,p.9), “destaca que:

a qualidade educativa significa qualidade com equidade, visando a igualdade de oportunidades e de tratamentos cujo centro seja o indivíduo, suas necessidades individuais e “múltiplas inteligências”. Implica a priorização da aprendizagem, levando em conta o processo (aperfeiçoamento do processo de aprendizagem) mais do que o ensino e seus resultados, o que significa considerar a gestão pedagógica o eixo central da organização do processo educativo.

2.2 Histórico do Cinema Educativo

Não encontrou-se a data precisa de quando o vídeo foi introduzido pela primeira vez em sala de aula. Há autores que dizem que tudo começou com o cinema educativo. Na visão de Parra (1970,p.192) “o cinema não é uma novidade; ou melhor, dizendo, a necessidade que ele veio satisfazer é tão antiga quanto o

próprio homem, tão antiga quanto a arte, por meio da qual o homem pretendeu, em primeiro lugar, expressar sua irredutível espiritualidade”.

Segundo Ferreira e Junior (1975, p.87-93) talvez possamos considerar o famoso Livro chinês de sombras móveis como o precursor do cinema, mas realmente a história registra como início oficial do cinema as pesquisas de Peter Roget (1824), que nos permitiram conhecer o sistema de funcionamento da visão com relação ao fenômeno da persistência visual. Com base nessa descoberta, o físico belga J. Plateau (1829), construiu um aparelho que denominou de fenacistoscópio que era uma seqüência de desenhos que se faz girar em frente do olho, em determinada velocidade, dando idéia de movimento. Em 1849, ele mesmo sugere que esses desenhos sejam substituídos por fotografias. Henry Faye idealizou um sistema que denominou cronofotografia. Essas cronofotografias eram obtidas com auxílio de um engenhoso aparelho que fazia correr o filme em frente à objetiva, parava o filme, abria o obturador, fechava-o, fazia novamente correr o filme e assim por diante. Esse é o princípio da câmera cinematográfica.

O inglês Muybridge, em 1878, obtém uma seqüência de fotografias de um cavalo a correr e, Eastman, em 1888, preparou uma película transparente. Thomas Alva Edison, no dia 14 de abril de 1894, apresenta o seu cinetoscópio que permitia ver individualmente 15 segundos de filme. Thomas Alva Edison, após suas experiências, disse que os filmes chegariam a substituir os livros didáticos. O primeiro filme realmente com caráter educativo foi produzido por Oskar Messter para a Marinha alemã no final do século XIX (1897). Com caráter instrutivo foi filmado pelo Departamento de Agricultura americano “o vôo” dos Irmãos Wright, realizado em 1908.

Muitos pequenos filmes educativos foram sendo produzidos pelos primeiros cineastas, a ponto de, em 1910, George Kleine publicar em Paris o “Catalogue of Education Pictures”, reunindo as produções francesas, inglesas e americanas.

A mais famosa produção educativa foi realizada para a marinha americana em 1917, tratando das doenças venéreas.

O primeiro seriado produzido realmente por uma instituição de ensino foi desenvolvido pela Yale University em 1919.

É fundada por H. Bruce Woolfe, em 1919, na Inglaterra, uma companhia para produção de filmes educativos, a “British Instructional Films”, que lançou com sucesso a série “Secrets of Nature”.

Filmes sobre a Revolução Russa foram produzidas na União Soviética, de 1925 a 1930, e exibidos em todas as escolas.

Em 1933 foram produzidos os primeiros filmes educativos sonoros, embora durante muito tempo fossem preferidos os mudos.

A grande penetração do cinema educativo deu-se, entretanto, após a guerra quando surgiram firmas como a Coronet, Encyclopaedia Britannica Films e a McGraw-Hill, dedicando-se a grandes produções.

A equipe Walt Disney passou a se dedicar a produções educativas, especialmente de observação da vida dos animais e de fenômenos da natureza.

Em 1960 ressurgiu o filme de 8mm que possibilita produções a baixo custo e de fácil realização. Permite, ainda, que o professor possa produzir seus próprios filmes. Os aperfeiçoamentos técnicos introduzidos, que possibilitaram a criação do super-8 mm, aumentou ainda mais a eficiência e o aproveitamento do filme em situações de ensino.

Hoje o cinema já invadiu o grande público e é fácil encontrar pessoas filmando os acontecimentos mais importantes na vida familiar ou na sociedade.

Muitos professores, mesmo aqueles que nunca tinham tido contato com uma câmera de filmar, começaram a fazer seus próprios filmes para ilustrar suas aulas.

Desse trabalho surgiu a idéia de um novo tipo de apresentação cinematográfica. Essas novas produções se caracterizam pela idéia de apresentarem um só conceito, com simplicidade e clareza.

2.3 Comunicação

O caráter social do homem solicita do mesmo uma relação contínua com o meio exterior, como explica Vygotsky (1997,p.39) “toda a vida humana está impregnada de significações e a influência do mundo social se dá por meio de processos que ocorrem em diversos níveis”. Essa relação ou comunicação tem sido o motor do progresso e, é através dela, que as sucessivas gerações transmitem às demais, suas conquistas e também suas derrotas. É fundamental, desde que toda sociedade humana, da primitiva à moderna, está baseada na capacidade do homem de transmitir suas intenções, desejos, sentimentos, conhecimentos e experiências, de uma pessoa a outra. É vital desde que a

habilidade em comunicar com os outros permite aos indivíduos a oportunidade de sobreviver. O termo comunicação, em seu sentido lato, sugere a idéia de comunhão, de estabelecimento de um campo comum com as outras pessoas, de divisão de informações, de idéias, de sentimentos. Pode-se dizer que comunicar é o processo pelo qual um indivíduo transmite estímulos a outros indivíduos, a fim de modificar seu comportamento. Consta-se nesta afirmação alguns elementos básicos:

- O comunicador, que é o indivíduo ou a agência (jornal, estação de televisão, etc) que procura transmitir uma idéia ou uma informação;
- A mensagem, que é a própria idéia a ser comunicada;
- O público, alvo de nossa comunicação.

Para que haja comunicação é necessário que o comunicador e o público entrem em sintonia, isto é, formem aquela comunhão de que falou-se atrás. Como isto acontece?

Em primeiro lugar, o comunicador toma a informação ou as idéias que deseja transmitir e as arranja ou as codifica em um sistema de sinais que sejam compreensíveis para o público. As imagens em nossas mentes não podem ser transmitidas até serem codificadas. Quando codificadas em palavras orais elas podem ser transmitidas fácil e eficientemente, mas não podem ir muito distante, a menos que sejam levadas através do rádio. Se forem codificadas em palavras escritas, elas caminham mais vagarosamente que as orais, mas vão muito mais longe e duram muito mais. De fato, algumas mensagens duram mais que seus transmissores, como por exemplo, a Ilíada, o discurso de Gettysburg, a catedral de Chartres. A codificação é um sub-elemento que faz parte integrante do comunicador e o é mais importante, pois dela dependerá, e muito, o sucesso da comunicação.

Em segundo lugar, a mensagem codificada e transmitida pelo comunicador precisa ser recebida e decifrada ou decodificada pelo público. É fundamental para o comunicador saber se o público está interpretando ou decodificando a mensagem sem distorção. Se o comunicador não tiver informações claras e adequadas, se a mensagem não for codificada de uma forma completa, exata e eficiente, se os sinais empregados na codificação não corresponderem aos

empregados pelo público e, finalmente, se a mensagem codificada não obtiver do público a resposta desejada, então, não houve comunicação.

Fala-se que as mensagens devem ser codificadas pelo comunicador, isto é, devem ser traduzidas em um sistema que faça parte do campo de experiência do público. Dentre os sinais mais empregados pelo homem em comunicação, está a linguagem. Mas, falar e escrever não são, de modo algum, nosso único sistema de comunicação. As relações sociais são grandemente fortalecidas por hábitos e gesticulações como: pequenos movimentos das mãos e da face. Com o assentimento pelo movimento da cabeça, sorrisos, contração das sobrancelhas, aperto de mãos, beijos, contração das mãos, pode-se transmitir conhecimentos sutis. Esses e outros inúmeros gestos e sinais que o comunicador emprega para atingir o público, podem ser transportados por diversos veículos ou canais. Um mesmo sistema de sinais ou código, como a linguagem, pode chegar até o público através do rádio, do cinema, do jornal e de muitos outros. O canal é, portanto, mais um elemento do processo da comunicação.

Dispõe-se, atualmente, de uma série de veículos de comunicação que podem funcionar como colaboradores eficientes, seja em situação de comunicação informal, seja em comunicação formal. Os veículos de comunicação audiovisual fazem parte, cada vez mais, de nossa cultura. Sua utilização eficiente pode ser um elemento importante nas mudanças culturais que querem promover assim como nas soluções de problemas específicos de sala de aula.

Ferreiro (1984,p.79); “o professor deve compreender que certos tipos de conhecimento não são ensinados, portanto ele precisa saber que, em vez de ensinar tudo, deve munir o meio ambiente de materiais variados e adequados”. Encontram-se barreiras no professor, tanto em termos de sua capacidade de comunicação, como em sua vivência ou experiências passadas que ele trás como bagagem para a sala de aula.

Não é raro encontrar professores que se aborrecem ante a falta de entusiasmo e compreensão dos alunos diante de informações ou relatos de acontecimentos que, em sua juventude, foram motivos de discussão, luta, comentários e que, enfim, empolgaram uma época. O fator tempo de vida tem uma influência muito grande e pode se converter em barreira se os professores não se aperceberem de que sua vivência, os fatos que os entusiasmaram e com os quais tiveram um contato direto, já ficaram muito distante no passado, e de que outros

acontecimentos prendem agora a atenção dos alunos. Alunos e professores trazem para a sala de aula certas vivências, composta de experiência que, naturalmente, não podem ser os mesmos, tanto em tipo como em volume. Se os professores não se preocuparem em encontrar aquele ponto de contato, isto é, aquela área comum, que muitas vezes é pequena, onde os dois campos de experiência se justapõem, evidentemente, não poderá haver comunicação, não poderá haver uma divisão de idéias, atitudes ou de informações, até porque, segundo Grossi (1993,p.59): “o aluno tem o direito e a possibilidade de construir os seus saberes e de se fazerem promover pelo seu esforço e pelos seus próprios méritos, no contexto didático-pedagógico montado pelo professor inteligente”.

Foi baseado nestes problemas citados acima é que se motivou a fazer um estudo sobre o vídeo como ferramenta didática nas escolas públicas e particulares.

A pesquisa de campo será realizada nas séries iniciais do ensino fundamental (1^a a 4^a série), pois as séries iniciais são o ponto de partida e a base para as séries seguintes, inclui-se o ensino superior. Durante o desenvolvimento desse trabalho soluções serão apresentadas afim de que a educação alcance os objetivos que a sociedade espera.

Os problemas de aprendizagem em sala de aula são tantos quantos os do próprio currículo escolar. Podem ser definidos em termos dos fins a serem atingidos.

Os objetivos dos professores das escolas primárias podem ser: desenvolver a prontidão para números, a facilidade de expressão de linguagem, ou o interesse pela leitura e a melhor compreensão dos textos lidos. O objetivo do professor de Estudos Sociais pode ser transmitir informações sobre outros povos, padrões culturais, relações domésticas ou, mais importante ainda, estabelecer atitudes socialmente desejáveis em relação a outros povos, mas para isto é importante que “o processo de ensino aprendizagem esteja centrado no aprendente” (Belloni 1999,p.39).

2.4 O Professor e a Comunicação de Conceito

Antes mesmos de aprender a ler, a criança já registrou imagens e sons no seu cérebro. Todo homem passa um bom tempo de sua vida a olhar e a escutar. O

cérebro não foi feito unicamente para registrar palavras impressas. Existe toda uma atividade cerebral no olhar e na escuta, pois o mundo está mergulhado em imagens e sons: cartazes, revistas, cinemas, televisões, rádios, vídeos, computadores etc, impossível escapar, em contra partida tem a escola que não pode admitir sequer a possibilidade de vir a perder sua eficiência em virtude de outros interesses, altamente atraentes, criados pela técnica de comunicação à massa. Já é tempo de se reconhecer que a escola deve dispor de meios de comunicação eficientes, como escreve Vigostky (1987,p.101) “o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer”, se lhe for atribuída a responsabilidade pela orientação dos interesses das crianças e pela instrução que devem receber, pois o aluno de hoje é produto de um mundo dominado pela comunicação.

O reconhecimento destes fatos implica atribuir-se ao professor um novo papel, em que assume outra responsabilidade; a de melhorar a comunicação em sala de aula, adaptando-a às necessidades dos alunos e colocando-a em termos tais que lhes permitam alcançar com êxito os objetivos da educação escolar tidos como válidos. Para Masetto (2000,p.142):

o professor assume também uma nova atitude. Além de especialista com conhecimentos e experiências a comunicar, ele desempenhará o papel de orientador das atividades do aluno, de consultor, de facilitador da aprendizagem do aluno, buscando os mesmos objetivos; numa palavra, desenvolverá o papel de mediação pedagógica.

Qualquer sala de aula, em si mesma e por si mesma, é um pequeno mundo de comunicações. Dentro dela, professor e alunos trocam e desenvolvem idéias e conceitos, num processo que se vem cumprindo há muitos anos. Durante todo esse tempo, muitas tradições passaram a ser consideradas partes integrantes das técnicas de ensino.

A história do ensino em sala de aula mostra que a comunicação de idéias e conceitos, neste processo de aprendizagem o aluno assume papel de aprendiz ativo e participante não mais passivo e repetidor, de sujeito de ações que levam aprender e a mudar seu comportamento. Este processo de comunicação compreende a transmissão de mensagens e é auxiliado ou prejudicado por diversas condições. O elemento chave no controle da natureza e eficácia deste intercâmbio de idéias e conceitos, ou seja, a eficiência da comunicação em sala de

aula é o professor. Enquanto as mensagens forem transmitidas sem alterações ou sem obstáculos provocados por qualquer forma de interferência, a comunicação aluno professor processa de forma eficiente.

2.5 Vídeos Educativos

Produzir um audiovisual pressupõe alguns ingredientes: Alves (1987) propõe; “uma certa alfabetização visual e auditiva, criatividade no tratamento do tema escolhido e uma pitada de conhecimento técnico”. Um audiovisual não é uma ilustração de discurso, é uma linguagem resultante do entrosamento, da mixagem, de dois elementos fundamentais: a imagem e o som (palavras, músicas e ruídos).

Para que o professor possa aproveitar o máximo o conteúdo do vídeo como recurso auxiliar do ensino, é necessário que conheça aquilo que este recurso didático pode oferecer. A vantagem do vídeo é que ele pode apresentar o movimento. Movimentos de objetos, de animais, de pessoas, a essa vantagem a técnica associou uma série de outras, como por exemplo, os efeitos chamados de câmera lenta, câmera rápida etc. Dessa maneira, as possibilidades do vídeo educativo foram aumentadas, o que passa a fazer dele elemento imprescindível na apresentação e visualização de determinados assuntos.

A utilização de recursos audiovisuais deve ser planejada com antecedência e nunca improvisada. O professor deve caracterizar e delimitar bem aquilo que dentro do razoável, pretende que seus alunos aprendam. Escolhe, então os recursos audiovisuais mais apropriados ao caso e dos quais possa dispor. Estuda esses recursos, a forma e o momento de sua aplicação” (COSTA,1978, p. 43).

A indústria cinematográfica tem contribuído em muito para o desenvolvimento da alfabetização científica cultural (Shen, 1975) e multidimensional (Bybee, 1995). Através dos documentários, principalmente da National Video, as pessoas têm a oportunidade de ampliar a sua cultura, o seu universo de conhecimentos. A Discovery e outras também tem produzido excelentes documentários sobre a ciência, envolvendo principalmente o estudo dos animais.

Estes documentários apresentam os assuntos científicos com clareza e profundidade, aliados a uma fotografia que prende a atenção, principalmente das crianças. Em síntese, utilizar adequadamente estes recursos em sala de aula

torna-se fundamental, para que o aluno possa compreender os assuntos que estão sendo discutidos. É importante que o professor analise com antecedência o filme, localizando os pontos de sua interferência para sistematizar os conteúdos, para que a aprendizagem significativa ocorra efetivamente. Após a visualização do filme, o professor deverá propiciar momentos de discussão sobre o que assistiu, para que os alunos relatem o que observaram, relacionando fatos e coordenando-os. Assim, propiciam-se condições para que realizem ligações lógicas, estabelecendo conexões entre ações e reações dos objetos. Além de relatos e discussões orais, o professor deverá sistematizar estes conhecimentos através do registro escrito, seja através de desenhos ou em forma de relatório.

Assim, o professor é o principal ator de qualquer processo de mudança na escola. Para que haja mudanças na qualidade do ensino é necessário que ele perceba com clareza suas concepções sobre a educação, o que acha significativo para melhorar esse processo e só então, analisar de que modo as diversas tecnologias poderão auxiliá-lo. Neste sentido, Moran (2000,p.14) aponta uma variável para um ensino de qualidade “é preciso uma organização inovadora, aberta, dinâmica, com um projeto pedagógico coerente, aberto, participativo; com infra-estrutura adequada, atualizada, confortável; tecnologias acessíveis e renovadas”. Um dos motivos que levam experiências inovadoras a não se institucionalizarem na escola é a resistência dos professores, porque estas são propostas, na maioria das vezes, por pessoas encarregadas da elaboração de diretrizes ou especialistas sem vivência do dia-a-dia da escola.

2.5.1 Vantagens do Vídeo Educativo

- a) A primeira das grandes vantagens do vídeo em sala de aula está no fato do utilizador poder manuseá-lo, manipulá-lo como se “folheasse um livro”: avanços, recuos, repetições, pausas, todas essas interferências no ritmo e norma habitual de apresentação da mensagem audiovisual que distinguem a televisão do vídeo;
- b) Podem auxiliar o desenvolvimento dos conteúdos escolares, oferecendo ao aluno e ao professor uma perspectiva de exploração extremamente rica: exemplos; através da tela podemos ir ao fundo do mar e ao espaço sideral,

conseguimos percorrer longas distâncias quase simultaneamente ou passear no interior de uma célula;

- c) É a partir dessas estratégias de análise do conteúdo e da forma de apresentação inscritos no vídeo que pode ser feita pelo aprendiz. Este efetuará diversos níveis de atuação em termos de componentes psicológicas, que lhe permitirão o desenvolvimento do que chama-se um processo de aquisição de conhecimentos. Pela exploração de uma mensagem complexa, pela estimulação da curiosidade, da investigação, da dedução busca-se que o aluno aprenda a aprender. Os limites inexoráveis da mensagem audiovisual (lacunas, incongruências, informações muito específicas) podem funcionar como trunfos, e exigirão que o recurso ao vídeo seja articulado a outros suportes e métodos de interação do aprendiz com o conhecimento. Isso supõe a previsão de outras atividades antecedentes e conseqüentes associadas ao trabalho com a linguagem audiovisual;
- d) É fundamental frisar que a dimensão conteúdo não tem a exclusividade sobre a forma de apresentação desse conteúdo. Tanto um como outro elemento devem fazer com que o objeto de trabalho seja para o professor como para o aluno.
- e) Sobre o prisma pedagógico, cria as condições e assegura a participação e valorização da contribuição de todos ou do máximo de alunos possíveis na situação. A troca de experiências, de conhecimentos anteriores, de visões diferentes da mensagem etc, parece-nos criar as condições para o estabelecimento de uma nova e rica relação ensino-aprendizagem. A exploração verbal, a busca de precisão em tal exposição, o aumento do léxico, a identificação e tomada de consciências pelos próprios alunos de diferentes raciocínios, diferentes maneiras de ver um mesmo fenômeno, e o exercício de descrição, identificação, defesa de pontos de vista, argumentação, entre outros, parecem constituir alguns dos elementos potencialmente positivos conseqüentes dessa forma de atuação.
- f) Insere dentro da relação ensino-aprendizagem, o espaço para a contextualização do conhecimento, que tem a possibilidade de ir muito além do conteúdo expresso pelo vídeo. As conseqüências, os prolongamentos, os antecedentes, enfim todas as demais dimensões que o referido conhecimento apresenta poderão ser exploradas a partir do trabalho com o vídeo;

- g) Ele pode dar origem a um projeto de trabalho em geografia, artes, língua portuguesa ou em qualquer outra disciplina que o professor desejar. Explorando o programa por meio de análise, temas enriquecidos com pesquisas em outras fontes.

A seguir, apresentar-se-á a pesquisa de campo que foram realizadas nas 14 escolas, entrevistas com professores e alunos de 1^a a 4^a série do ensino fundamental de Florianópolis / SC, através de questionários. A importância dessa pesquisa está baseada no momento atual, onde a maioria das escolas públicas e particulares possui vídeos para uso de seus alunos e professores.

3 METODOLOGIA

3.1 Considerações Iniciais

Tabela 1: Distribuição de Matrículas da Rede de Ensino no Brasil no ano de 2001

Níveis De Ensino	Rede Pública (%)	Rede Particular (%)
Creche	62,5	37,5
Pré-Escola	74,6	25,4
1ª a 4ª Série	91,5	8,5
5ª a 8ª Série	90,2	9,8
Ensino Médio	86,8	13,2
Educação Especial	40,4	59,6
Educação De Jovens E Adultos	90,8	9,2
Ensino Superior	37,5	62,5

Fonte: MEC/INEP

Na Tabela 1 é apresentada a distribuição de matrículas realizadas na Rede de Ensino no Brasil para o ano de 2001. Verifica-se que a grande maioria da população estuda em escolas públicas com exceção do ensino superior em que a rede particular de ensino cresceu enormemente nos últimos anos. Em particular, as matrículas realizadas no ensino de 1ª à 4ª série, é de 91,5% na rede de ensino Pública e apenas 8,5% na rede de ensino particular. Verifica-se mais adiante que este fato levou a escolher a maioria das escolas públicas em Florianópolis dentre as escolhidas para realizar a análise estatística sobre a influência do vídeo na aprendizagem de 1ª a 4ª série.

Tabela 2: Formação dos professores do Ensino fundamental

Ano	Fundamental Completo Ou Não	%	Médio Completo	%	Superior Completo	%	Total
1994	138.658	10,1	669.656	48,6	569.351	41,3	1.377.665
1995	133.933	9,5	685.596	48,7	588.096	41,8	1.470.625
1996	124.642	9,0	655.004	47,2	608.601	43,8	1.388.247
1998	101.601	7,0	684.514	46,9	674.340	46,2	1.460.455
1999	81.735	5,4	720.148	47,7	708.543	46,9	1.510.426
2000	70.888	4,5	737.971	47,2	755.475	48,3	1.564.334

Fonte MEC/ INEP

Na Tabela 2 são apresentados os dados referentes a capacitações dos docentes do Ensino Fundamental. Pode-se constatar de modo geral que houve um aumento na capacitação profissional dos professores do ensino fundamental. Em 1995, o grau de escolaridade superior era de 41,8% e passou a ser de 48,3% em 2000, com um aumento de aproximadamente 6%. Este valor pode nos parecer pouco expressivo, entretanto em valores absolutos é relevante, pois foram mais de 200 mil professores que concluíram o ensino superior nos últimos quatro anos. Este fato traz melhorias na qualidade de ensino, mas que ainda os professores precisam ser estimulados e habilitados para utilizarem novas tecnologias em sala de aula, como se verifica mais adiante.

3.2 Pesquisa de Campo Realizada nas Escolas

3.2.1 Escolha da Amostra

Para realizar-se o estudo proposto neste trabalho, escolheu-se 14 escolas (Escola A, Escola B, ...e Escola N) na cidade de Florianópolis. Os principais parâmetros estão apresentados na Tabela 3. Nestas 14 Escolas, através de questionários, foram consultados um total de 173 professores. Dentre estes, obte-se as respostas de 43 professores, cerca de 25%, que lecionam nas turmas de 1^a a 4^a série distribuída conforme apresentada na Tabela 4.

Tabela 3: Total de professores consultados em cada Escola. Relação entre quantidade de Aparelhos de vídeo/Professores nas diversas Escolas pesquisadas

ESCOLA	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	TOTAL
Professores Consultados	18	17	14	27	20	4	7	8	10	4	14	10	10	10	173
Aparelhos de Vídeo	3	3	3	2	2	1	1	2	1	1	3	1	3	3	29
Número de Fitas	140	100	200	147	20	25	Não Tem	95	60	15	100	180	100	120	1302

Com base nos dados obtidos acima, pode-se concluir que para cada escola pública ou particular existe no mínimo um aparelho de vídeo em funcionamento, o que tornou possível a pesquisa de campo.

O estudo realizado nesta pesquisa, embora represente uma parcela do total das escolas, mostrou as dificuldades que elas tem de manter esta tecnologia em funcionamento, pois existem poucos aparelhos para atender as demandas dos

professores, por exemplo: a escola E possui 2 vídeos para: 1.300 alunos, 30 professores em toda escola, sendo que: 797 alunos e 20 professores são de 1^a a 4^a série. Todas as escolas pesquisadas têm praticamente os mesmos problemas com o vídeo com uma ressalva; as escolas particulares conta com o apoio do computador, que segundo os professores de 1^a a 4^a não soluciona o problema, pois para trabalhar com o computador precisa de profissionais capacitados. Estas dificuldades foram explicadas pelas coordenadoras de 1^a a 4^a série e pelas diretoras das escolas durante as entrevistas.

Como se descreveu no item 1, o papel do professor está se transformando frente as exigências de uma sociedade em rápidas transformações, mas que ainda convive, em grande parte do país, com os “crônicos” problemas de uma instituição escolar carente de infra- estrutura.

Tabela 4: Total de professores que responderam o questionário I

SERIE	Professores que Responderam
1	10
2	13
3	9
4	11
TOTAL	43

3.3 Entrevistas com os professores

A seguir, as análises estatísticas efetuadas nas respostas que os professores das 14 Escolas consultadas deram em relação ao questionário I.

3.3.1 Uso do Vídeo

As crianças devoram com os olhos tudo que lhes interessa. Mas sua visão e sua capacidade de interpretar ainda não estão suficientemente educadas. É preciso, portanto, guiá-las, mesmo quando estão interessadas e despertar sua atenção para certos aspectos que elas ainda não poderiam aprender por si mesmas, pelo fato de lhes escapar sua significação.

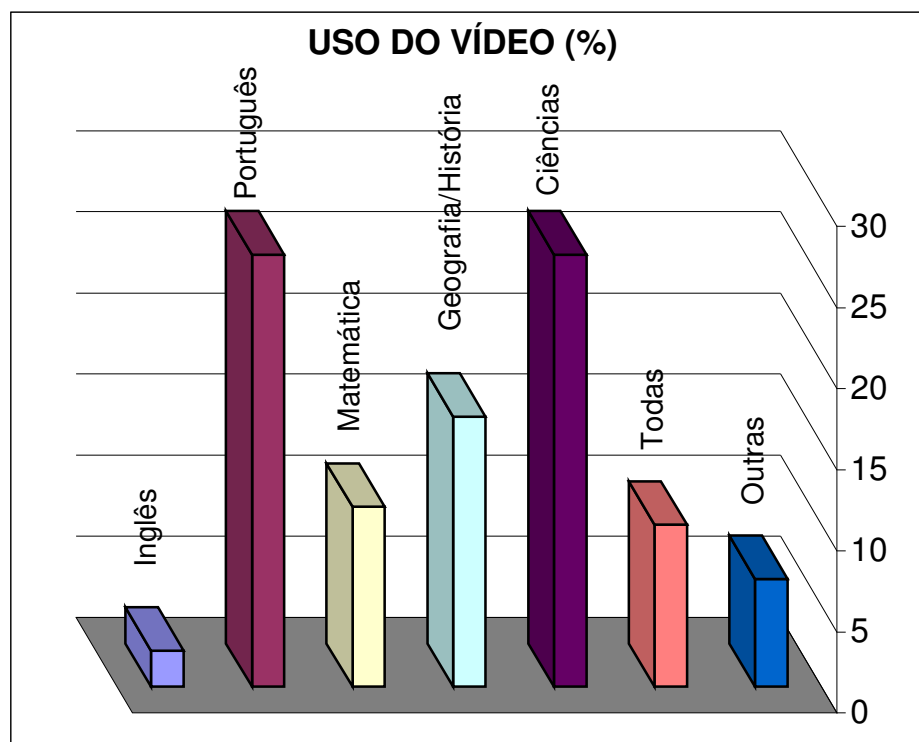


Figura 1: Análise das respostas referente ao questionário I – Pergunta 1 realizado com os professores

Se não houver interesse, a observação será difícil, os próprios meios audiovisuais serão inúteis para o esclarecimento se, antes, não forem motivos de curiosidades e, portanto, de interesse, por isto, é importante o professor planejar a aula com o vídeo, para que ele possa aproveitar o conteúdo da fita como recurso didático. Este planejamento permite desdobrar as possibilidades pedagógicas contidas no conteúdo da fita, pois a única maneira pela qual o professor pode assegurar-se de que o filme corresponde exatamente aos objetivos do seu ensino é vendo-o e estudando-o anteriormente.

Pelo que se pode constatar nas aulas assistidas nas oito escolas como foi descrito no sub-item 1.4.3 entrevistas com os alunos o professor planeja suas aulas com o vídeo explorando maior números de matérias possíveis. O gráfico da Figura 1 mostra que as disciplinas que mais utilizam o vídeo são: ciências e português. Não significa que são trabalhados só estes dois conteúdos. É trabalhado o maior número de disciplinas possíveis com a mesma fita de vídeo como: matemática, geografia, ciências entre outras. Por exemplo: Na escola A, primeira série, escola na qual participou-se do planejamento a fita de vídeo com o conteúdo de ciências sobre os animais vertebrados foi planejada para ser introduzida na aula

de português e englobou as matérias de português, matemática, ciências e geografia.

A porcentagem de utilização do vídeo nas aulas de inglês é bem menor em relação as demais disciplinas por que além dele ser ministrado só nas escolas particulares, nem todo professor dessa matéria o utiliza em suas aulas.

Como foi descrito no item 1; as escolas têm dificuldades de acompanhar as grandes mudanças tecnológicas que acontecem fora da escola e de maneira muito acelerada. A maioria dos professores tem se esforçado para se manter atualizado nas matérias que administram e também para conseguir a atenção dos alunos. Como descreve Ferreiro (1995,p.18) “O professor deve ficar atento ao processo de transformação do mundo, não somente através de sua leitura, mas buscando sempre formas de organização de ensino válidas para seus alunos”.

3.3.2 Vídeo Aprendizagem

De um modo geral, quando os professores foram questionados sobre o uso do vídeo (Figura 2), pode-se constatar que:

- 57% acham muito significativos o seu uso, por que segundo eles o planejamento das aulas de vídeo integra não só o professor e aluno, mas sim toda uma equipe, professores, alunos, diretores, coordenadores e outros, que trabalha para um único fim. Segundo eles, isto trás excelentes resultados com os alunos.

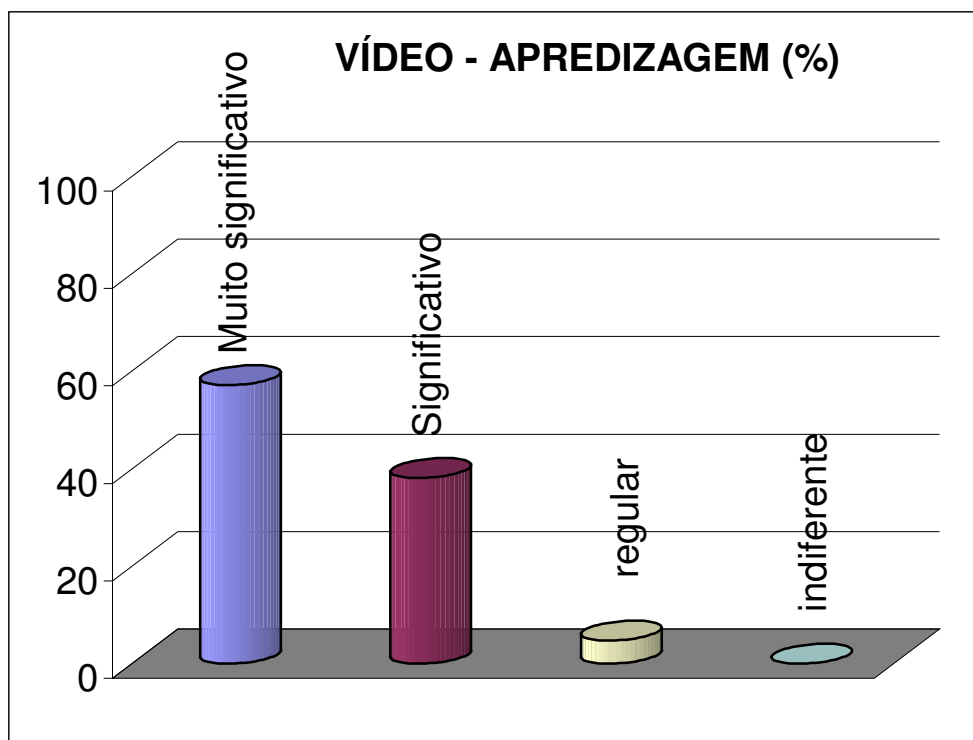


Figura 2: Análise das respostas referente ao questionário I – Pergunta 2 realizado com os professores

- 38% dos professores acham significativo o uso do vídeo, porque no planejamento das aulas de vídeo eles conseguem fazer com que os alunos participem procurando determinado assunto contido na fita que às vezes, os professores, tem dificuldade de encontrar. Do fato de os alunos fazerem esta pesquisa trazendo o material, existe uma cumplicidade tornando as aulas mais interessantes e produtivas.

- Apenas 10% dos professores acham regular, pois segundo eles o vídeo é teoricamente fácil de ser trabalhado como material didático, mas na prática eles nem sempre conseguem atingir o objetivo planejado, tornando-se um material indiferente para determinados assuntos ou temas.

Verificou-se na prática, assistindo algumas aulas de vídeo, que este quando bem planejado, com a participação operante dos alunos, não dificulta a aula, ao contrário facilita; não distraem, nem dispersam, mas ao contrário atraem e concentram; despertam os interesses, esclarecem e fixam as idéias; os alunos aprendem com mais facilidade de maneira agradável. As professoras conseguem unir a utilidades dos programas dos vídeos ao prazer dos alunos.

3.3.3 Avaliação do Aprendizado

O planejamento do vídeo-aula deve levar em consideração o tipo de vídeo que será exibido e os objetivos pretendidos pelo professor. Com os objetivos claramente definidos o professor conseguirá avaliar o aprendizado dos alunos, como mostra o gráfico da Figura 3.

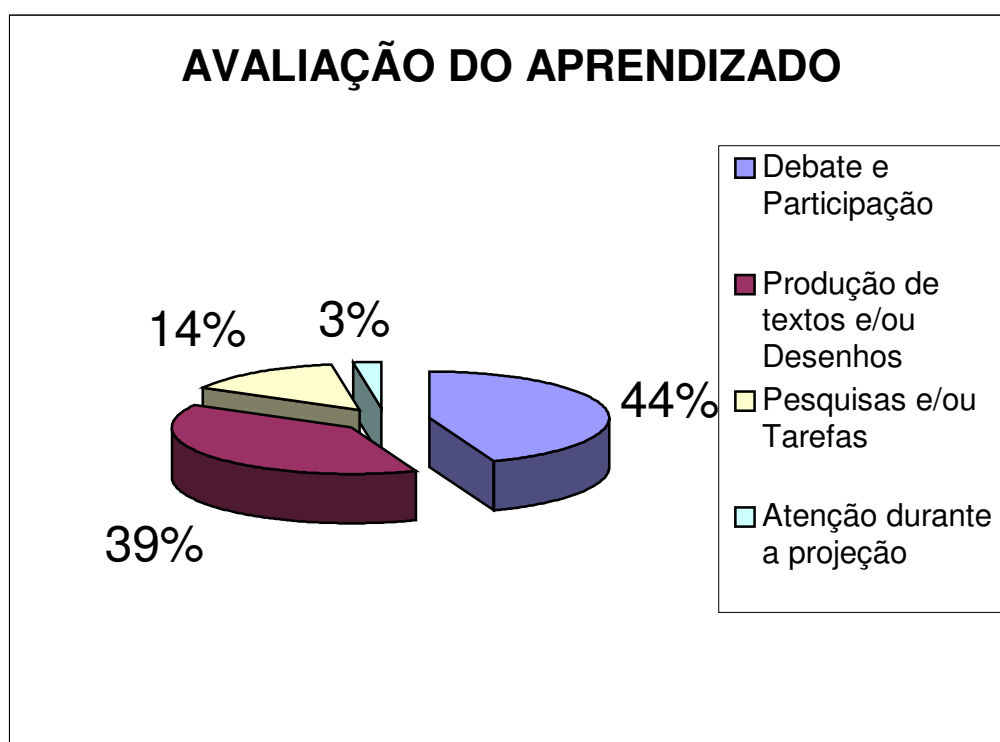


Figura 3: Análise das respostas referente ao questionário I – Pergunta 3 realizado com os professores

O que se observou na prática, participando das aulas de vídeo nas escolas é que a avaliação é feita englobando todos os itens acima.

A Figura 3 mostra que 44% dos professores avaliam o aprendizado dos alunos através de debate e participação oral ou em grupo. Esta avaliação é feita logo após o término da fita de vídeo; e é através desta avaliação que surgem as outras formas de avaliações que são produção de texto e/ ou desenhos, pesquisas e/ ou tarefas. O que constatou é que a atenção durante a projeção é avaliada por uma minoria de 3% dos professores, porque segundo elas a atenção durante a projeção é uma consequência de como foi preparada a aula e motivado os alunos.

Como foi descrito anteriormente, é fundamental o planejamento das aulas de vídeo, pois conhecendo o conteúdo do filme, o professor deverá preparar seus alunos no sentido de habilitá-los, previamente, para compreensão e mais sólido proveito do conteúdo. Para isto, não precisará, nem deverá contar o filme, mas fornecer aos alunos as bases que o filme pressupõe e as lacunas que nele tenha notado.

3.3.4 Frequência do uso do Vídeo

O vídeo como qualquer outro elemento audiovisual não deve, pois, ser encarado como algo raro, uma atividade extra-classe. É uma ferramenta de trabalho e só deve ser usado se, de fato, trazer uma contribuição efetiva à aula. Por isto o professor deve planejar com antecedência antes de apresentá-lo aos alunos. O aspecto fundamental da utilização do vídeo é impedir a passividade dos alunos frente a ele.

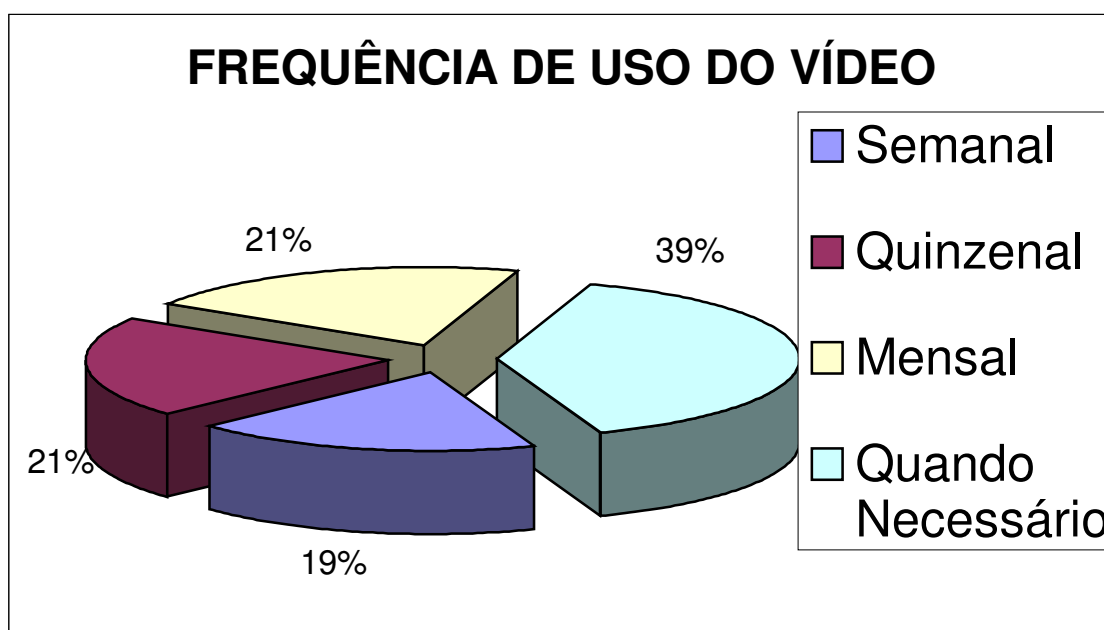


Figura 4: Análise das respostas referente ao questionário I – Pergunta 4 realizado com os professores

Na pesquisa de campo pode-se constatar que o professor encontra barreiras no fator tempo intimamente ligado ao fator número de conhecimentos a transmitir. Mesmo assim a maioria dos professores como mostra o gráfico da Figura 4, 19% usa o vídeo semanalmente e 21% usa quinzenalmente, isto é, muito significativo se

considerar o extenso programa de ensino que eles tem que desenvolver durante o ano letivo. Esses professores têm se esforçado para se manter atualizado nas matérias que administram e também para conseguir a atenção dos alunos. Como descreve Ferreiro (1995,p.18) “o professor deve ficar atento ao processo de transformação do mundo, não somente através de sua leitura do mundo, mas buscando sempre formas de organização de ensino válidas para seus alunos”.

3.3.5 Gênero de Vídeo Utilizado

A pedagogia moderna apóia-se, nos métodos da descoberta e da redescoberta. Trata-se de apelar para a curiosidade da criança e para a sua capacidade de descoberta. Como mostra o gráfico da Figura 5, o gênero de filme mais utilizado nas escolas é o informativo e o científico Segundo os professores os outros gêneros também dão suas contribuições para educação, mas esses tipos de filmes como os informativos e os científicos aguçam a curiosidade dos alunos e os levam a pesquisar mais sobre o assunto dado.

Os professores consideram que só o fato dos alunos terem sido levados a verificar por si próprio depois a formular e, em seguida, a aplicar e a experimentar podem ser por eles assimilados e contribuir para o seu potencial intelectual.

Foi constatado no decorrer da pesquisa de campo que o trabalho de descoberta é um trabalho coletivo, o vídeo permite, nas disciplinas ministradas pelos professores orientar esta investigação coletiva. Como foi descrito por Freire (1997, p.18) “O aguçamento da curiosidade dos educandos só é possível com a formação permanente, científica, da curiosidade. Não basta só ser curioso. Eu preciso conhecer a curiosidade e fundamentar cientificamente o conhecimento daquilo a que a minha curiosidade chega”.

A seguir, mostrar-se-á os resultados das análises das entrevistas realizadas com os alunos.

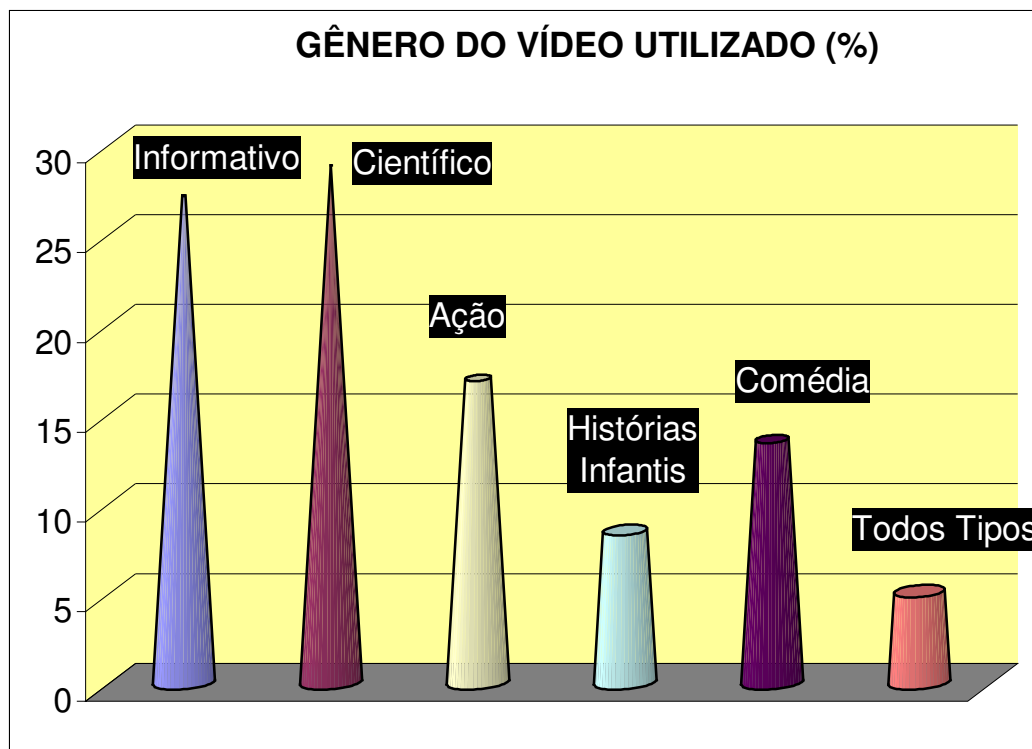


Figura 5: Análise das respostas referente ao questionário I – Pergunta 5 realizado com os professores

3.4 Entrevista com os alunos

Como foi descrito na seção 1.4.3 - das 14 escolas pesquisadas, em 8 escolas de séries diferentes (Escolas: A – 1ª série; B – 4ª série; C – 3ª série; G – 2ª série; I – 3ª série; K – 1ª série; M – 4ª série e N – 1ª série) assistiu-se como os professores “inserir” determinados conteúdos utilizando o vídeo. Oportunidade na qual fez-se as entrevistas individuais com os alunos. Deve-se ressaltar que nas demais séries dessas mesmas oito escolas as entrevistas foram feitas pelos professores.

O questionário II foi respondido em grupo de 4 a 5 alunos nas demais escolas pesquisadas em função dos conteúdos que estavam atrasados em relação ao calendário escolar.

Em 3 escolas (escola: A – 1ª série; B – 4ª série e C – 2ª série) participou-se do planejamento das aulas com o vídeo.

3.4.1 Desenvolvimento de uma das aulas utilizando vídeo

A seguir descreve-se como foi desenvolvida a aula na 2ª série da escola C citada no item anterior: Depois de terem assistido o vídeo de ciências sobre os animais selvagens, o professor deu um texto mimeografado para cada aluno ler. Após terem lido, os alunos iniciaram oralmente um debate defendendo seus pontos de vista em relação ao texto que continha informações contrárias a que se apresentava no vídeo. O professor organizou o debate e foi escrevendo tudo que o era dito pelos alunos no quadro negro, surgiu um novo texto, onde os alunos copiaram no caderno.

O professor explicou que com o texto produzido pelos alunos será trabalhado o maior número de matérias possíveis como:

- português: ditado, separação de sílabas, acentuação, pontuação e produção de texto;
- ciências: animais vertebrados e invertebrados, os mamíferos, animais domésticos e selvagens;
- matemática: agrupar os animais mamíferos, selvagens, domésticos contendo a mesma quantidade em cada grupo, problemas, ordem crescente e decrescente;
- geografia: localizar no mapa as regiões dos animais;
- desenho: pintar os animais que possui pêlos ou penas, desenhar os animais carnívoros, trazer recortes de revistas ou jornais que contém animais do texto.

3.4.2 Análise das Respostas dos Alunos

A seguir, apresentar-se-á as perguntas do questionário II para facilitar o entendimento, seguido da análise correspondente as respostas dos alunos. Onde aparece a sentença "A maioria dos alunos respondeu" possui um significado estatístico de que pelo menos 90% das respostas eram concordantes.

Perguntas das entrevistas:

1) Vocês gostam quando o professor usa o vídeo?

A maioria dos alunos respondeu sim . O restante além de responder sim justificou dizendo que através dos filmes eles aprendem mais.

2) Quando vocês assistem ao vídeo vocês aprendem algumas coisas novas?

A maioria respondeu sim. Alguns responderam que sempre os filmes trazem algo interessante ou novidades.

3) Vocês já tiveram dificuldades para entender algum filme passado durante aula?

A maioria respondeu não, porque geralmente o filme é fácil de entender, outros disseram que quando eles não entendem a professora vai explicando no meio do filme.

4) O filme estava relacionado com algum assunto que o professor deu em sala de aula ? Ou com alguma disciplina? Qual?

A maioria respondeu sim, que o assunto estava relacionado com a matéria de ciências.

5) O professor comentou a respeito do filme a que vocês iam assistir ou ele fez surpresa?

A maioria respondeu que a professora não faz surpresa.

6) Vocês acharam o filme cansativo? Por quê?

A maioria respondeu que não, porque eles gostam quando o professor passa filme. O restante escreveu que quando o filme é repetido se torna cansativo.

7) Tinha algumas palavras no filme que vocês não entenderam?

Alguns alunos responderam que sim, mas conseguimos entender o final, outros responderam que o professor vai explicando no decorrer do filme e os demais disseram que os filmes são brasileiros, por isto eles entendem tudo.

8) Depois que vocês assistem a um filme, vocês gostam que o professor comente sobre ele? Por quê?

A maioria respondeu sim, porque o professor faz perguntas para relembrar o filme, outros responderam que as vezes o professor faz perguntas sobre alguma assunto que ele deu na sala.

No relato descrito, ficou evidente que o vídeo tem grande influência na vida escolar desses alunos e pode promover aprendizagem eficiente desde que o professor se organize e oriente os alunos para aprendizagem, além, é claro, do planejamento e da inovação na sua forma de entender e agir, adequando-se aos novos traçados da sociedade. Planejar ações e objetivos em direção à mudança e à transformação Moran (2000, p.23) faz a seguinte consideração:

Aprendemos melhor quando vivenciamos, experimentamos, sentimos. Aprendemos quando relacionamos, estabelecemos vínculos, laços, entre o que estava solto, caótico, disperso, integrando-o em um novo contexto, dando-lhe significado, encontrando um novo sentido. Aprendemos pelo pensamento divergente, por meio da tensão, da busca, e pela convergência, pela organização, pela integração.

Neste contexto, o vídeo exerce uma função importante no processo educativo, pois tem como meta o ensino, pesquisa, curiosidade. No ato de ensinar está presente o processo de ensino e de aprendizagem, em que ensinante e aprendente são os principais agentes construtores desta relação, mediados por conteúdos e métodos.

3.5 Tecnologias nas escolas de 1^a a 4^a série

Para adequar-se as mudanças sociais que geraram um novo tipo de sociedade e para entrar em sintonia com ela, é imprescindível incorporar novas

tecnologias e novas formas de expressão. Essas tecnologias não apareceram abruptamente nas escolas e nem na sociedade, foi ao longo da evolução, que o ser humano foi desenvolvendo ferramentas que lhe permitiram dominar o meio físico que o rodeava. Estes instrumentos conceituais e tecnológicos atuam como prolongamento de seus sentidos, ampliando os limites que a natureza lhe impôs.

Os instrumentos permitem atuar sobre o ambiente. Ampliando o alcance dos sentidos e da ação. Ao mesmo tempo, o próprio uso das ferramentas que vai desenvolvendo influi nos modos de racionar, atuar, perceber e pensar o mundo e a si mesmo Vygotsky (1988); McLuhan (1989).

Hoje, em nossas cidade maior parte do ensino acontece fora da escola. A quantidade de informação comunicada pela imprensa, filmes, televisão e rádio excedem em grande medida à quantidade de informação comunicada pela instrução e textos na escola. (McLUHAN, 1960, p.235-236).

Embora a irrupção dos meios de massa caracterize nossa cultura atual. Sua incorporação na educação escolarizada ainda é um processo lento, percorreram-se diversos caminhos, muitos abandonados ao longo da história, e ainda hoje segue-se analisando o fenômeno e buscando alternativas válidas.

O aparecimento do vídeo como recurso didático disponível nas escolas abriu inúmeras possibilidades para o desenvolvimento de novas atividades pedagógicas. Nessas atividades o vídeo torna-se uma janela na qual professores e alunos podem observar um mundo de ocorrências que, sem este recurso didático, seriam muitas vezes apenas referências difíceis de entender.

A forma de utilização de um vídeo em aula depende de como ele é e dos objetivos do professor ao exibi-lo a seus alunos.

É importante que as atividades feitas em seguida a vídeo-aula coloquem em jogo os conteúdos trabalhados no vídeo para que os alunos possam utilizar as informações que acabaram de receber. Dessa forma, a possibilidade de assimilação dessas informações torna-se muito maior.

A exibição de vídeos com documentários, reportagens, entrevistas, trechos de programas de televisão ou outros são importantes para ampliar os conhecimentos dos alunos com relação a um determinado tema, possibilitando a construção de inúmeras relações entre conteúdos que, sem o uso do vídeo, ficariam isolados na mente do estudante.

Existe uma série de características de um vídeo que devem ser consideradas quando ele é utilizado em aula principalmente para crianças de 1ª a 4ª série: o

tempo de duração se é falado em português ou legendado, se o assunto abordado é bem conhecido dos alunos ou é uma novidade. A preparação dos alunos para assistir a um vídeo e a organização do tempo do vídeo-aula dependem dessas características. Por exemplo, se o vídeo é muito longo e não é possível vê-lo todo em uma única sessão, então é importante preparar os alunos com antecedência para que eles saibam que a exibição será feita em duas ou mais partes. Nesses casos, antes de retornar a exibição deve-se ter uma rápida conversa, lembrando o que foi visto anteriormente, só assim os benefícios da integração da tecnologia são melhores percebidos quando a aprendizagem não é meramente um processo de transferência de fatos de uma pessoa para outra e o professor atinge seu objetivo que é delegar poderes aos alunos como pensadores e pessoas capazes de resolver problemas. Vygotsky(1930, p.65), “nos fornece uma visão condensada de sua abordagem: o homem biológico transforma-se em social por meio de um processo de internalização de atividades, comportamentos e signos culturalmente desenvolvidos”.

O vídeo pode ser utilizado em sala de aula com quatro finalidades básicas:

- 1- Apresentar um novo assunto aos alunos, iniciando um nova unidade de trabalho. Com um vídeo pode-se problematizar um tema de forma a introduzi-lo adequadamente, criando boas situações de aprendizagem;
- 2- Aprofundar um conteúdo que está sendo trabalhado em aula. Com o vídeo pode-se proporcionar aos alunos informações que seriam muito mais difíceis de obter através de outras formas;
- 3- Relacionar conteúdos que estão sendo estudados com outros já conhecidos dos alunos, mas que permaneceriam isolados se não houvesse uma atividade pedagógica com o objetivo específico de relacioná-los;
- 4- Diversão e cultura, muitas vezes são possíveis passar um vídeo para os alunos se usá-lo didaticamente no momento em que é assistido, da mesma forma que se vai a um cinema, circo ou teatro, ou se assiste à TV em casa, com o propósito de se divertir e ver coisas interessantes. Enquanto obras de arte, cinema, circo, teatro ou vídeos proporcionam experiências emocionais e intelectuais que sempre foram fundamentais à formação do ser humano em todas as épocas.

4 DIRETRIZES PARA O PLANEJAMENTO DO VÍDEO-AULA

4.1 Como planejar a vídeo-aula

O planejamento do vídeo-aula deve sempre levar em consideração o tipo de vídeo que será exibido e os objetivos pretendidos pelo professor. É claro que esses objetivos devem estar ajustados às características do vídeo.

O vídeo deve ser adequado a faixa etária dos alunos, além disso, deve ser corretamente integrado no tema da aula, de tal forma que cada momento dedicado a sua utilização resulte em algum desenvolvimento efetivo da experiência do aluno e na ampliação de seus conceitos.

As informações do vídeo podem ser sistematizadas em textos elaborados pelos alunos após assistirem ao vídeo. Se o professor achar necessário, pode promover um debate em classe sobre o tema do vídeo, dando oportunidades para os alunos expor e/ou defender seus pontos de vistas .

Atividades como essas, em que os alunos devem expor e/ou defender seus pontos de vistas, ajudam a formar opiniões próprias. E possibilitam o desenvolvimento de habilidades como resumir um texto, compreender raciocínios e procurar entender o ponto de vista de outra pessoa.

O vídeo permite múltiplas utilizações. Dependendo da série das crianças, pode-se mostrar apenas uma parte do filme. Neste caso propõe aos alunos, após assistirem ao vídeo, que falem sobre o seu conteúdo, comentando suas principais características.

Em um sentido mais geral, pode-se dizer que o planejamento é uma atividade tipicamente humana. Para Vasconcellos (1995,p.34):

uma atividade humana, consciente, (...) que deve ser adequada á realidade educacional, pois planejar, de alguma forma, com maior ou menor rigor, o professor sempre planeja (...) a questão que se coloca é superar o planejamento espontâneo, em direção ao consciente, fazer plano bem elaborado para que de fato as atividades propiciem um máximo aproveitamento.

4.2 Planejar o vídeo antes de apresentá-lo em sala de aula

No desenvolvimento de um trabalho de pesquisa de campo na qual participou-se e vivenciou-se situações relacionadas com o vídeo em sala de aula, acha-se importante dar contribuições para que o professor possa contar com um material a mais na hora de planejar sua vídeo-aula.

Como diz Ferreiro (1979, p.73) “um sujeito ativo é aquele que compara, ordena, categoriza, comprova, reformula, elabora hipótese, reorganiza em ação interiorizada ou efetiva”.

O planejamento do vídeo-aula requer tempo e alguns passos a serem seguidos que são essenciais como:

- 1- Veja sempre o vídeo antes de passar para os alunos;
- 2- Caso o vídeo contenha muitas informações novas, ou seja, muito longo, divida sua apresentação em partes;
- 3- Prepare seus alunos para assistir o vídeo a partir de alguma atividade que oriente a atenção para os conteúdos mais importantes. Essa atividade pode ser uma simples roda de conversa onde os alunos tentam antecipar o que vão ver partindo da leitura do título do vídeo;
- 4- Sempre que necessário, repita a apresentação de um trecho do vídeo para destacar algum conteúdo específico ou aspecto importante;
- 5- Depois do vídeo, faça outras atividades adequadas ao trabalho com os conteúdos exibidos, tomando o cuidado de selecionar os conteúdos considerando a idade de seus alunos, seus conhecimentos prévios e o tempo necessário para trabalhar sobre o tema em sala de aula.

4.3 Como Escolher o Vídeo

A utilização de vídeos em sala de aula está diretamente relacionada ao número de vídeos já conhecidos pelos professores. Por isso é importante

promover sessões onde vários professores possam juntos assistir a alguns vídeos para conhecê-los, conversando sobre seus conteúdos, a forma como são feitos e a complexidade da linguagem utilizada. Dessa forma os professores vão formando um grande repertório de vídeos já conhecidos e, quando estão planejando seu trabalho de aula, podem se lembrar de um vídeo que considerem adequado para aquele conteúdo e situação. Neste caso o professor deve rever o vídeo, confirmando suas qualidades e preparando sua utilização em sala de aula.

A linguagem audiovisual veiculada pelo vídeo, na sala de aula, exige uma estrutura metodológica diferenciada em relação às práticas tradicionais. A escolha do conteúdo do vídeo e do momento que será utilizado em sala de aula deverá acontecer em plena harmonia com o desenrolar do conteúdo programático.

Uma relação direta entre conhecimentos anteriormente fornecidos à classe, necessidade e possibilidade de se apresentar o conhecimento a ser apropriado pelos alunos de modo contextualizado e dinâmico, é um primeiro nível de reflexão necessária.

4.4 Preparar os alunos para assistirem o vídeo educativo

O uso de um vídeo deve ser em geral antecedido de algumas atividades de preparação, para que as informações e os conceitos apresentados possam ser compreendidos pelos alunos. Antes de exibir um vídeo é importante conversar com os alunos sobre o tema abordado, adiantando alguns dos conteúdos. Essas atividades têm como principal objetivo preparar a atenção do aluno para o que ele vai ver.

Dependendo da forma como o assunto é apresentado no vídeo, muitas vezes os alunos não relacionam imediatamente o que estão vendo com os conteúdos trabalhados em sala de aula. Quando isso acontece, geralmente os alunos têm dificuldade de manter-se atentos. Em outros casos o que chama atenção é um detalhe sem importância, pelos menos para atividade planejada pelo professor. A preparação prévia pode evitar esse tipo de dispersão. Eco (1984, p.128) explica:

A informação por si só exige organização a mensagem antes de emití-la. A seleção se faz necessária, pois interessa à fonte que o receptor decodifique a mensagem. Aparece, então, outro fator que o organizador da mensagem não pode ignorar o repertório do receptor.

Fica, portanto excluída a utilização do vídeo para preencher tempo ocioso, se o objetivo ao recurso desse suporte for de natureza pedagógica.

O vídeo por si só não ensina, é o aluno que busca, que constrói esse conhecimento à partir do uso adequado desse suporte. Tal uso supõe o recurso ao vídeo como fonte de informações, e essa exploração só acontecerá se o processo de inserção do vídeo tiver um sentido pedagógico para o aluno.

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES PARA FUTUROS TRABALHOS

5.1 Conclusões

Constatou-se durante a pesquisa que o rápido crescimento da população escolar e a ampliação dos currículos acentuam a necessidade de métodos aperfeiçoados de apresentação das aulas cotidianas, porque tomar consciência de que a mensagem é construída, de que o fenômeno mostrado tem outras ligações e conseqüências na realidade, detectar as lacunas desse material, as informações parcialmente apresentadas, identificar que cada um tem uma maneira de ver um mesmo objeto, e que é bem mais rico ampliar-se o ponto de vista do grupo contando com a associação de diferentes interpretações. Todo esse universo parece facilmente transponível para uma realidade de lazer, mas para tanto, torna-se imprescindível aos profissionais de educação o domínio de conhecimentos sobre como as crianças vêem e convivem com esse mundo tecnológico.

Os professores devem ter constantemente em vista que uma de suas principais tarefas é aumentar a experiência do aluno e pela experiência ampliar seus conceitos. O principal valor do vídeo educativo é que ele permite partir do simbolismo visual e verbal, e ao mesmo tempo proporcionar aos alunos experiência muito mais ampla, real ou substitutiva. Ficou comprovada durante a pesquisa de campo na Avaliação do Aprendizado figura 3, em que 44% dos professores conseguem avaliar seus alunos através de debate e participação e 39% avaliam seus alunos pela produção de textos e/ ou desenhos.

O gráfico da Figura 2 indicou que a aprendizagem com o vídeo como ferramenta didática é considerada pela maioria absoluta dos professores, mais de 90%, como sendo significativa. A vídeo-aula quando bem planejada, consegue fazer com que os alunos participem ativamente, muitas vezes procurando certo conteúdo que os professores tem dificuldade de encontrar devido às diversidades e acessibilidade de fontes de informações em nossa sociedade. Devido os alunos fazerem esta procura trazendo o material, existe uma cumplicidade entre professor-aluno que é uma das razões que as aulas com vídeo se tornam interessantes e produtivas.

Isto comprova que o vídeo é grande auxiliar do ensino se for cuidadosamente selecionado e adequadamente usado, isto é, adaptado ao currículo, à idade e ao nível mental dos alunos, além disso, ele deve ser corretamente integrado no tema de aula, de tal forma que cada momento dedicado a sua utilização resulte em algum desenvolvimento efetivo da conduta e experiência do aluno e na ampliação de conceitos.

Por outro lado, cerca de 10% dos professores acham regular o uso do vídeo, pois segundo eles o vídeo é teoricamente fácil de ser trabalhado como material didático, mas na prática esses professores estão mais preocupados no cumprimento do conteúdo programático. É evidente que para esses professores, mesmo sendo a minoria, deverão passar por um processo de reciclagem pedagógica para aprender a trabalhar com as tecnologias disponíveis nas escolas.

É importante que esta capacitação, seja baseada na pesquisa, na leitura, no planejamento, na reflexão e tudo isso deve acontecer em um ambiente onde o professor possa desenvolver autonomia intelectual. Esta autonomia será conseguida com investimentos em pesquisa e comunicação; só assim ter-se-á um docente preparado, seguro, motivado, mediador da aprendizagem, consciente da necessidade de comunicar-se efetivamente com os alunos e com o mundo tecnológico.

A formação especializada do docente é imprescindível e desafiadora. Almeja-se aluno/professor sujeito do processo de aprendizagem. Esta capacitação necessita fornecer subsídios ao professor de como conhecer e usar as possibilidades criadas pelas tecnologias e buscar todos os recursos da comunicação para interpretação de análise de dados, adaptando-se a cultura que permeia este espaço.

Ainda, apresentam-se neste trabalho algumas das possibilidades de utilização do vídeo numa perspectiva inovadora. As tecnologias na educação representam, nesta ótica, artefatos tecnológicos construídos pelo homem na sua trajetória histórica. Estes artefatos pertencem ao conjunto da humanidade e não apenas a uma parte dela, e devem ser utilizados como instrumento de trabalho, reflexão e construção de novos conhecimentos. Como diz Vygotsky (1989,p.89):

o que a criança é capaz de fazer hoje em cooperação, será capaz de fazer amanhã sozinha. Portanto o único dispositivo de aprendizagem é aquele que caminha à frente do desenvolvimento, servindo-lhe de guia. O aprendizado deve ser orientado para o futuro, e não para o passado.

Ficou evidente durante as coletas de dados que existe a necessidade de uma requalificação e um novo relacionamento entre o pedagógico e o administrativo. O que foi percebido é que se todas estruturas das escolas não estiverem comprometidas com as mudanças tecnológicas, o processo que foram iniciados por alguns professores, como foi mostrado na Tabela 3 em que foram consultados 173 professores, mas 43 (Tabela 4) aceitaram responder o questionário. Muitos professores não participaram da pesquisa porque ficaram com medo de se comprometer, mesmo sabendo que eles não seriam identificados. Outros não participaram porque eles acreditam que a única forma de educação é o giz e o quadro negro, esses professores são considerados pelas escolas como professores tradicionais. O que foi dito pelas orientadoras e supervisoras escolares é que esses professores apesar de não usarem os recursos tecnológicos vídeo e computador disponíveis nas escolas são excelentes professores porque eles conseguem vencer os conteúdos com seus alunos no decorrer do ano letivo.

Segundo as orientadoras pedagógicas e supervisoras escolares os professores têm resistências em incorporar este recurso como ferramenta pedagógica, sobretudo porque não foram suficientemente preparados, seja na formação inicial e/ ou continuada.

Entretanto, o verdadeiro papel do professor é de além ter conhecimento do conteúdo e possuir formação didático pedagógica, devem conhecer as tecnologias (vídeos, computadores e outros); conhecer as metodologias de ensino; participar da construção; execução e avaliação do projeto de trabalho; mudar a cultura de sala de aula; organizar planejamento coletivo que desafie à todos a mudar como ensinar e como aprender e que vise ao processo de autonomia do aluno e professor; formar grupos de pesquisa; conseguir recursos pedagógico para construir e reconstruir conhecimentos; entender que o ato pedagógico e o administrativo necessitam andar juntos; e oferecer atualização permanente aos egressos e a qualquer pessoa que necessitar.

A alteração que se precisa buscar e que difere do que foi presenciado durante a pesquisa, nada mais é do que o resgate de algumas dimensões deixadas de lado, por conveniência, por descaso. Por achar que a educação, mesmo que só no subconsciente é um processo repetitivo, automático e simplista.

Ao término deste trabalho destaca-se, novamente, o papel do professor, lembrando a trajetória de muitos docentes que, apesar das condições adversas de trabalho, empreendem esforços para uma educação inovadora e de qualidade.

5.2 Recomendações para futuros Trabalhos

A pesquisa de campo evidenciou que houve um avanço da educação em relação ao uso do vídeo como ferramenta pedagógica. O gráfico da Figura 2 indicou que a aprendizagem com o vídeo como ferramenta didática são consideradas pela maioria dos professores, mais de 90%, como sendo significativas. Isto comprova que o vídeo auxilia o ensino se for cuidadosamente selecionado e adequadamente usado.

Por outro lado, cerca de 10% dos professores acham regular o uso do vídeo, pois segundo eles o vídeo é teoricamente fácil de ser trabalhado, mas na prática eles relataram que não conseguem atingir seus objetivos programados. Ficou claro que esses professores deverão passar por um processo de reciclagem para poder trabalhar com este material e obter sucesso em suas aulas.

Para tanto é importante que os professores e orientadores pedagógicos tenham posicionamentos em relação ao conhecimento. É preciso estar atento às novas transformações. Melhorar é indispensável. O professor precisará ser um pesquisador e levar o aluno com ele nessa caminhada.

Comprovou-se que o vídeo ocupa um espaço considerável na prática pedagógica dos professores de 1^a a 4^a série do ensino fundamental, porém, recomenda-se algumas propostas para futuros trabalhos e investigações que poderão ser realizadas nas séries seguintes incluindo o ensino superior :

- É fundamental formar e atualizar os professores para trabalhar com as tecnologias vigentes;
- Deve-se formar profissionais para atualizar os acervos de fitas das escolas e universidades, garantindo-se a qualidade dos assuntos;
- Os professores devem utilizar o vídeo como ferramenta didática pedagógica e o seu uso deve ser incentivado pelas instituições escolares;

- È imprescindível que o professor disponha de tempo para planejar o vídeo-aula;
- Ao planejar uma vídeo-aula, é importante que o professor proporcione oportunidades e estratégias para que os alunos participem;
- Na vídeo-aula é fundamental privilegiar o trabalho intelectual e colaborativo dos alunos, oferecendo um debate que possa contribuir para o aprendizado;
- A avaliação da vídeo-aula é importante e precisa ser permanentemente repensada.

Em termos de recomendações para futuras pesquisas, registra-se a necessidade de ampliar investigações para outras séries incluindo o ensino superior acerca da temática descrita neste trabalho, no intuito de conhecer as ações de planejamento e acompanhamento do vídeo como ferramenta didática pedagógica.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ALVES , Alfredo; AFONSO, Cleyde; VIEIRA, Gilda; NAKARO, Maria. **Como Fazer um Audiovisual**: hora de imaginar. Petrópolis, RJ. editora Vozes Ltda, coleção fazer 23. 1987.

ANDRÉ, Marli Eliza D.A. de **Etnografia da Pátria Escolas**. São Paulo/SP, 4ª ed. 2000.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação à Distância**. Campinas/SP. Autores Associados, 1999.

BURKE, James & ORNSTEIN, Robert. **O Presente do Fazedor de Machado**. Rio de Janeiro/RJ, Bertrand Brasil, 1998.

COSTA, J.R. **Escolas Radiofônicas para Educação Popular**. Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Cultura, 1978, p. 43.

DALE, Edgar. **Método de Enseñanza Audiovisual**. Reverté Mexicana, 1966, p169.

DALE, Edgar. **Cone de Experiência**. Técnicas de Ensino. III Programa de Capacitação do Docente. UNISUL (Universidade do Sul de Santa Catarina), 11ª edição, 1999.

ECO, Umberto. **Obra abierta**, Ariel, Barcelona, 1984.

FERREIRA, Oscar M. de C. & JUNIOR, Plínio D. Silva. **Recursos Audiovisuais para o Ensino**. Cinema educativo.pág 87 a 93. São Paulo,. Ed, E.P.U.(Editora Pedagógica e Universitária Ltda).1975.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **Los Sistemas de Escritura em el Dessarollo Del Mino**. México, Siglo Veintiuno Editores S/A, 1979.

FERREIRO, Emília. **Notas do Simpósio do Congresso Internacional de Educação Piagetiana**. Rio de Janeiro/ RJ. 1984, p.79.

FERREIRO, Emília e outros. **Construindo a Alfabetização do Pré- Escolar à 4ª-Série do 1º- Grau**. 9ª ed. Editora; Fundação AMAE para Educação e Cultura. Belo Horizonte /MG, 1995, p148.

FERRÉS, Joan. **Vídeo e Educação**. 2ª ed. Artes Médicas, 1996.

FREINET, C. 1974, **Las Técnicas Audiovisuales**, Laia, Barcelona, 1974, p.77.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo/SP, Paz e Terra , 1997.

GAGNÉ, Robert M. **Como se Realiza a Aprendizagem**. Trad. De Maria Therezinha Ramos Tovar. ao Livro Técnico, Rio de Janeiro/R.J, 1971, P.247, 270.

GOMES, G. Nilza. **Computadores na Escola: Novas Tecnologias x Inovações Educacionais**: um mundo em transformações. Dissertação de Mestrado - Centro de Ciências da Educação -PPG em Educação, UFSC 2001.

GÓMEZ, A.I. Perez. **Processo de Ensino–Aprendizagem**; Análise Didática das Principais Teorias da Aprendizagem. In: SACRISTAN, J, Gimeno & GÓMEZ, A.I. Perez. Compreender e Transformar o Ensino. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, p.377.

GROSSI, E.P. **Avaliação Terrível. Prática Escolar; Abolimos ou Recriamos?** Porto Alegre, Revista de GREEMPA, No 1 , Julho, 1993.

HERNÁNDEZ, Fernando e alii. **Aprendendo com as Inovações nas Escolas**. Porto Alegre/RS, Artmed Editora, 2000.

HALL, Stuart, **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de janeiro: DP&A editora, 3ª ed. , 1999.

KOHL, Marta de Oliveira, **Vigotsky Aprendizado e desenvolvimento**. 4ª ed. Editora Scipione , São Paulo/SP, 1997.

LEONIR, Lorenzetti. **Alfabetização Científica no Contexto das Séries Iniciais: vídeos educativos.** Dissertação de Mestrado - Centro de Ciências de Educação, PPG em Educação, UFSC, 2000.

LITWIN, Edith. **Tecnologia Educacional: Uma análise comunicacional da televisão na escola.** Editora Artes Médicas, Porto Alegre/RS, 1997.

MANASSÉS, Branca...[et al.] **Tecnologia da Educação;** Novidade e Redundância da Informação. Rio de Janeiro, ed, Estab. Gráficos Borsoi S.A. 1980.

MARTINS, Eliana da Silva Rosado e JACOB, Maria Carmem de Souza Romano. **O Vídeo no Campo da Educação:** vídeo na sala de aula não é televisão. Editora Inijuí ; Ijuí /R.J, 1994.

MASETTO, Marcos T. **Mediação Pedagógica e uso da Tecnologia.** Campinas/ SP, Papirus, 2000.

MINISTÉRIO da Educação e do Desporto. **Secretaria da Educação a Distância. Teve Escola , paisagens brasileiras.** Editora: Especial Teve Escola Brasília, Brasília/DF , julho de 1998. Disponível em: <http:// [www.TVescola @ seed.mec.gov .br](http://www.TVescola@seed.mec.gov.br).

MINISTÉRIO da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **Teve Escola , explorando o programa por meio de análise de temas, enriquecidos com pesquisas em outras fontes.** Editora: Especial Teve Escola, Brasília/DF, n.25, Out/Nov de 2001. Disponível em: <http:// [www.mec.gov .br / seed / tv escola](http://www.mec.gov.br/seed/tvescola).

MCLUHAN, M. **La Comprensión de los Medios como Extensiones del Hombre,** Diana, 1969. México.

MCLUHAN, Marshal. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem.** Ed; 10. São Paulo/ SP. Cultrix, 1995.

MORAES, Maria Cândida. **O Paradigma Emergente**. São Paulo: PUC, 1997. Tese de Doutorado.

MORAES, Maria Cândida. **O Paradigma Educacional Emergente**. Campinas/SP: Papyrus, 1997.

MORAN, José Manuel. **Como Ver Televisão**; leitura e crítica dos meios de comunicação. São Paulo/ SP. Edição Paulinas, 1991

MORAN, José Manuel. **Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologias Audiovisuais e Telemáticas**. Campinas/SP. Papyrus, 2000.

MORAN, José Manuel. **Como Ver Televisão**: uso da imagem. In: Revista Brasileira de Informática na Educação. Vol; 8. Porto Alegre/RS. Sociedade Brasileira de Computação, 2001.

NASCIMENTO, Alice. **Preparando-se para o Ensino a Distância**. Mestrado Interinstitucional – Docência no Ensino Superior. Programa de Pós- Graduação em Educação UFSC – UNOESC. 2001.

OLINGER, Glauco. **Meios de Comunicação**: dois auxílios visuais. 1^a ed, EDEME (Indústria Editoriais e Gráfica Ltda), Florianópolis, SC. 1973

PARRA, Nélio. **Técnicas Audiovisuais de Educação**. Ed.2^a, São Paulo/ SP. Editora: Edibell. 1970.

PLANQUE, Bernard. **Técnicas Audiovisuais de Ensino**, Edições Loyola, São Paulo/ SP. 1974, Pág 07.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Televisão e Escola: Coleção Contemporânea**: conflito ou cooperação. Editora Cortez, São Paulo/SP, 1991.

PYAGET, Jean. **A Equilibração das Estruturas Cognitivas**. Trad; PENNA M. Marion. Rio de Janeiro/ RJ. Zahar. 1976.

PORTOIS, Jean Pierre & DESMET, Huguette. **Educação Pós-Moderna**. São Paulo/SP, Loyola, 1999.

ROSA, Antônio Neto. **Ambiente para Construção de Materiais Institucionais Apoiados por Vídeo**. In: Revista Brasileira de Informática na Educação. Vol; 8. Porto Alegre/ RS. Sociedade Brasileira de Computação. 2001.

SANDHOLTZ, H. Judith; RINGSTAFF, Cathy & DWYER, C. David; **Ensinado com Tecnologia**; Tecnologia e Instrução Centrada no Aluno; Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SEÇÃO de Audiovisuais do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais – INEP – MEC. **Guia de Audiovisuais para Professores**. Pág: 07, Rio De Janeiro/ RJ. 1970.

THARP, R. & GALLIMORE, R. **Uma Teoria Unificada da Educação**. in: MOLL, Luís C. Vygotsky e a Educação. Porto Alegre/ RS. Artes Médicas, 1988.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Planejamento: Plano de Ensino – Aprendizagem e Projeto Educativo – Elementos Metodológicos para Elaboração e Realização. São Paulo/ SP, Libertad, 1995.

VYGOTYSKY, L.S. **Aprendizado e Desenvolvimento**; Um Processo Sócio Histórico. In: ELIVEIRA, Marta Kohl. São Paulo/ SP. Ed Scipione, 1997.

VYGOTSKY, L.S. **Uma Teoria Unificada da Educação**. in: MOLL, Luis. C. Vygotsky e a Educação. Porto Alegre/ RS. Artes Médicas, 1956.

VYGOTSKY, L. S. **Resolução Colaborativa de Problemas nos Sistemas de Aprendizagem**. In: Revista Brasileira de Informática na Educação. Vol: 8, Porto Alegre/ RS. Sociedade Brasileira de Computação. 2001.

WITTICH, Walter Arno e SCHULLER Francis Charles. **Recursos Audiovisuais na Escola. o professor e a comunicação.** Editora: Fundo de Cultura Brasil, Rio de Janeiro/RJ, 1964.

APÊNDICE 1 - Questionário I

- 1) Quais as disciplinas que utilizam o vídeo?
 inglês português matemática geografia ciências
 outras: _____
- 2) Na sua opinião, o vídeo contribui para o aprendizado das crianças de forma:
 muito significativa significativa regular indiferente
- 3) Como é avaliado o aprendizado das crianças pelo vídeo assistido?
- 4) Quantas vezes no mês você utiliza o vídeo?
- 5) Quais os tipos de fitas de vídeo preferidas pelas crianças?
- 6) O filme foi comentado imediatamente depois da projeção? Depois dos comentários, você descobriu se algum ponto ficou sem esclarecimento?
- 7) O tema do filme é comentado com os alunos? Verifica-se o que eles sabem e o que não sabem a respeito do tema?
- 8) É explicado aos alunos o que espera que eles aproveitem do filme?
- 9) Os alunos foram preparados para o vocabulário especial e para as novas palavras que possam aparecer no filme?
- 8) Foi anunciado aos alunos que eles devem dar conta da informação obtida através do filme?
- 9) O filme foi apresentado dentro do horário de aula?
- 10) Os comentários sugeriram certos projetos que podem estimular os alunos a leituras complementares?

APÊNDICE 2 - Questionário II

- 1) Vocês gostam quando o professor usa o vídeo?
- 2) Quando vocês assistem ao vídeo vocês aprendem algo novo?
- 3) Vocês já tiveram dificuldades para entender algum filme passado durante aula?
- 4) O filme estava relacionado com algum assunto que o professor deu em sala de aula? Ou com alguma disciplina? Qual?
- 5) O professor comentou a respeito do filme a que vocês iam assistir ou ele fez surpresa?
- 6) Vocês acharam o filme cansativo? Por quê?
- 7) Tinha algumas palavras no filme que vocês não entenderam?
- 8) Depois que vocês assistem a um filme, vocês gostam que o professor comente sobre ele? Por quê?